



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS

Anézia Rodrigues de Jesus Oliveira

HISTÓRIA DA ESCRITA E DO ENSINO DA ESCRITA ENTRE
O POVO XAKRIABÁ:
ESPAÇOS, PROFESSORES E SÁBIOS RAIZEIROS

Belo Horizonte-MG
Maio - 2016

Anézia Rodrigues de Jesus Oliveira

**HISTÓRIA DA ESCRITA E DO ENSINO DA ESCRITA
ENTRE O POVO XAKRIABÁ:
ESPAÇOS, PROFESSORES E SÁBIOS RAIZEIROS**

Percurso apresentado ao curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas, Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Línguas, Artes e Literaturas.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Gomes.

Belo Horizonte-MG
Maio - 2016

A meu esposo, filhas, pai, mãe, irmãos, avôs e avós, sobrinhos, sogro, sogra, cunhados,
cunhadas e em geral a toda minha família.

Aos Caciques e lideranças, enfim, a todo o meu povo Xakriabá.

Agradecimentos

Agradeço primeiro a Deus,
por hoje eu está aqui.
Por ter me dado força,
e nunca desistir.

Agradeço as minhas filhas,
E também ao meu marido.
Que em todos os momentos,
Sempre estiveram comigo.

Aos meus pais e meus irmãos,
Não posso deixar de agradecer.
Pois sempre ajudaram,
Pra tudo isso acontecer.

Agradeço em geral,
A toda minha família.
Pois sempre me ajudaram,
E também contribuíram para isso.

Aos meus colegas e amigos,
Por sempre ter me ajudado.
Pois sempre me apoiaram,
e estiveram do meu lado.

Também agradeço,
Pelas turmas que por aqui passaram.
Pois algo construíram,
Para os que aqui chegarem.

Não posso esquecer,
Também das lideranças.
Pois para mim entrar neste curso,
Depositaram em mim, sua confiança.

Agradeço também,
ao nosso cacique Domingos.
Mas sem deixar de me lembrar,
Do eterno Cacique Rodrigo.

Agradeço também,
a todas as comunidades.
Pois também contribuíram,
Para mim está nessa faculdade.

Agradeço a todos professores,
que sempre me deram atenção.
Pois em todos os momentos,
Sempre me estendeu a mão.

A todos os bolsistas,
Tenho muito a agradecer.
Pois sempre ajudaram,
Em tudo que precisava fazer.

À minha orientadora Ana Gomes,
O meu carinho e gratidão.
Pois muito me ajudou,
Com sua orientação.

À coordenadora Gorete,
Não tenho nem palavras.
Pois sempre estive do meu lado,
Durante esta jornada.

Agradeço também,
a todos os meus entrevistados.
Pois muito contribuíram,
para a realização do meu trabalho.

Espero não ter esquecido,
de alguém aqui falar.
Enfim, agradeço a todos os povos,
Mas em especial, ao meu povo Xakriabá.

Resumo

Este trabalho é resultado de uma pesquisa realizada na Terra Indígena Xakriabá (TIX), nas aldeias: Barra, Caatinginha, Emabaúba, Itacarambuzinho, Prata, Riacho dos Buritis e Veredinha, nos anos de 2015 e 2016.

Essa pesquisa traz como referência os primeiros ensinamentos da escrita na TIX e tem como objetivo também registrar algumas histórias dos entrevistados, onde contam como começaram a ser alfabetizados e também alfabetizar. Traz também como referência o uso das palavras de cura e cuidado que são usadas pelos sábios benzedores do nosso território.

Também trata de como as escolas começaram a funcionar no território, onde foram as primeiras escolas, quem foram os primeiros professores, as diferentes formas de ensinar e aprender, a necessidade de aprender e também qual é a escrita específica do povo Xakriabá e qual a escrita imposta.

Aqui são destacados também alguns materiais usados antigamente que consegui coletar durante a minha pesquisa, através de conversas com algumas pessoas mais velhas, como: livros e cartilhas usados no ensinamento da escrita e catecismos da família e da igreja católica.

Palavras-chave: História da Escrita; História do Ensino da Escrita; Xakriabá; Professores; Raizeros.

SUMÁRIO

Capítulo 1 ó Introdução	8
1.1 Descrição do território e das escolas Xakriabá	10
1.2 Metodologia	13
1.3 Pessoas entrevistadas	14
Capítulo 2 ó Palavras de cura e cuidado	20
2.1 Conversa com o senhor Evaristo, da aldeia Caatinguinha	21
2.2 A necessidade das pessoas usarem a escrita	22
Capítulo 3 ó A escrita e as escolas na TIX	25
3.1 Como e quando começou a funcionar as primeiras escolas e como eram as condições	26
3.2 Onde foram as primeiras escolas e quem foram os primeiros professores	28
3.3 Materiais que eram utilizados antigamente	29
3.4 As diferentes formas de ensinar e aprender	30
3.5 A escrita específica dos Xakriabás e a escrita imposta	33
3.6 Materiais coletados durante a pesquisa	35
Capítulo 4 ó Considerações Finais	36
Referências	38
ANEXO I ó Músicas usadas no ensino	39
ANEXO II ó Entrevistas	41

Capítulo 1 ó Introdução

A pesquisa tratou da história da escrita na Terra Indígena Xakriabá (TIX), onde vivo na aldeia Itacarambuzinho e em outras aldeias e sub-aldeias. A TIX fica no norte de Minas Gerais, no município de São João das Missões.

Ao ouvir os mais velhos de minha comunidade, me chamava a atenção o modo como eles falavam de como haviam começado a estudar e como eles haviam aprendido a escrever e ler. Esse tema da história da escrita entre os Xakriabá me interessou porque queria saber como a escrita passou a ser ensinada e como era ensinada, e também quais as necessidades das pessoas terem que aprender a ler e a escrever. Queria pesquisar também para fazer registros das histórias de como a escrita começou a ser ensinada no território e se as necessidades das pessoas aprenderem a ler e escrever mudaram com os tempos. A escrita começou a ser ensinada desde 1970, e muitos caminhos foram percorridos durante o ensino da mesma, muitos problemas foram encontrados, mas mesmo assim, teve muitos avanços.

Para iniciar o tema, vou falar sobre como foi meu próprio percurso escolar. Nasci na aldeia Itacarambuzinho, mas saí em 1987, quando tinha 3 anos de idade, por causa da chacina que aconteceu aqui e meus pais saíram com medo do que pudesse acontecer. Vivi por toda a minha infância fora da aldeia, e estudei em escolas dos municípios de Manga e Miravânia. Casei em 2004 e aí voltei a morar aqui novamente. Sempre estudei fora da aldeia. Tive muitas dificuldades quando comecei a estudar, pois meus pais tinham que trabalhar em fazenda pra sustentar eu e meus irmãos, pois onde morávamos, meu pai não conseguia serviço, então tinha que ir pra outro lugar. Onde a gente ficava enquanto meus pais trabalhavam, não tinha escola, então eu minha irmã tínhamos que ficar na casa de parentes para que pudéssemos estudar. Era muito difícil.

Estudei a primeira série na Escola Municipal Pedro Ferreira da Mota, hoje município de Miravânia, com a professora Beatriz Vieira Mota, hoje já falecida. O ensinamento era bem diferente, as regras eram mais rígidas, mas era bem melhor, pois os alunos se dedicavam mais. Aprendi ler e escrever desde a primeira série.

No ano seguinte voltei morar onde morávamos antes, aí já foi mais fácil, pois tinha escola perto de casa. Então estudei até a quarta série, depois tive que ir estudar em Miravânia, por que nesse lugar que estudei antes, não tinha aula de quinta à oitava, só de primeira a quarta série. Estudei um ano, depois voltei a estudar no lugar de antes, pois já tinha criado turmas de quinta à oitava série. Depois de ter concluído a oitava série, tive que voltar estudar

o ensino médio em Miravânia. Lá estudei até concluir o ensino médio. Em todo esse período, só começaram a me falar da nossa história quando eu estava perto dos 14 anos.

Comecei a dar aula em 2010, e ainda atuo como professora de quinta, sexta, sétima e oitava série, com as disciplinas de ciências, uso do território e cultura Xakriabá. Já trabalhei com geografia, história e educação física no passado.

Hoje há muita diferença na forma de ensinar a escrita, então escolhi este tema com o objetivo de pesquisar como a escrita foi trabalhada no tempo mais antigo, porque as pessoas que aprendiam sabiam muito bem. Meu objetivo foi pesquisar também quem foram os primeiros professores que começaram a dar aula, como a escrita começou a ser ensinada e fazer um levantamento de que materiais que as pessoas usavam pra ler.

1.1 Descrição do território e das escolas Xakriabá

A Terra Indígena Xakriabá, está localizada no município de São João das Missões, noroeste de Minas Gerais, às margens do rio Itacarambi, onde existem pequenos rios temporários, outros permanentes. Hoje a seca é muito grande, com sol muito quente e o período de chuva com pouca chuva. O período de chuva se estende de outubro a março.

O território possui 53 mil hectares, com aproximadamente 10 mil habitantes. O território está dividido em 34 aldeias e sub-aldeias.

A Terra Indígena Xakriabá foi demarcada em 1979 e homologada em 1987 pelo Conselho de Segurança Nacional, mas antes disso os nossos indígenas, os antepassados já viviam aqui.

Hoje, há muitas formas de sobrevivência aqui no território. Muitas coisas melhoraram, outras ficaram difíceis. Muitas pessoas sobrevivem de algum salário que recebem como pensão ou aposentadoria. Alguns sobrevivem de benefícios do governo, como bolsa família. Outros recebem salários por exercerem cargos como, professor, agente de saúde, agente de saneamento básico, auxiliar de serviços gerais, diretor, entre outros. Nessa parte onde algumas pessoas sobrevivem de algum salário, muitos ainda têm que se deslocar a São Paulo e outros lugares à procura de trabalho como cortem de cana, pastelaria e outros. Melhorou bastante, mas para quem sobrevive da roça, ficou difícil, pois as chuvas têm diminuído muito e o que plantam, já não produz bastante como antes. Alguns sobrevivem também das criações de animais.

De acordo com as pessoas que entrevistei, a escrita começou a ser ensinada no território por volta de 1970, quando algumas pessoas trouxeram professores de fora do território para dar aulas para seus filhos. A partir daí, houve um grande avanço e muitas coisas melhoraram, a partir de quando as próprias pessoas do território começaram a aprender ler e escrever. Assim a escrita começou a se desenvolver com mais intensidade e também muitas coisas foram se desenvolvendo no território.

Sobre a questão de emprego, melhorou muito, pois hoje muitos cargos que são exercidos dentro do território são ocupados pelos próprios indígenas Xakriabá. Muitos já têm uma formação e assim tem a capacidade de desenvolver a profissão que exercem. Muitos tiveram sua formação pela UFMG, outros por outras universidades. Um desenvolvimento marcante hoje no território Xakriabá é o funcionamento do magistério indígena, onde toda a equipe de professores, coordenadores e outros são os próprios indígenas.

Hoje as escolas funcionam nas aldeias e também nas sub-aldeias. As escolas sedes funcionam nas aldeias centrais e os segundos endereços que são considerados os mesmos que filiais, funcionam nas aldeias próximas das centrais e também nas sub-aldeias.

Em 2013, nós, alunos da turma da LAL, Línguas Artes e Literatura, tivemos uma disciplina com a professora Shirley Miranda, onde foram coletados dados das escolas do território Xakriabá (número de alunos e funcionários de todas as escolas que estavam funcionando).

A Escola Estadual Indígena Bukinuk funcionava com o ensino fundamental nas aldeias Sumaré I, Sumaré II, Sumaré III, Vargem, Caatinginha, Peruaçu e Custódio com o total de 515 alunos e 18 serviçais. O ensino médio funcionava no Sumaré I com o total de 63 alunos, 7 professores e 1 serviçal.

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio da Aldeia Morro Falhado funcionava o ensino fundamental nas aldeias Morro Falhado, Sapé, Barra do Sumaré I, Barra do Sumaré II, São Domingos, Itapicuru I, Itapicuru II e Santa Cruz com o total de 431 alunos, o ensino médio funcionava na aldeia Morro Falhado com o total de 52 alunos. Sendo assim eram 37 turmas e 485 alunos e 43 servidores.

A Escola Estadual Indígena Oaytomorim da aldeia Prata funcionava na aldeia Prata com 79 alunos da educação infantil a 4ª série, 42 alunos de 5ª a 8ª série e 25 alunos do ensino médio, com o total de 146 alunos. Funcionava também na aldeia Riacho Comprido do PPA a 4ª série com 24 alunos e de 5ª a 8ª série com 18 alunos como total de 42 alunos. Assim a escola da aldeia Prata funcionava com 16 turmas e ao todo 188 alunos e 19 funcionários.

A Escola Estadual Indígena Uikitu Kuhinã funcionava o ensino fundamental nas aldeias, Riacho dos Buritis, Poção, Pedrinhas, Pindaíba, Forges e Itacarambuzinho com 155 alunos e 29 funcionários. O ensino médio funcionava na Aldeia Riacho dos Buritis com 31 alunos, 6 professores e 1 serviçal. Ao todo eram 186 alunos.

A Escola estadual Indígena Xukurank funcionava o ensino fundamental nas aldeias Barreiro, Olhos d'água, Brejinho e Veredinha com 213 alunos e o ensino médio funcionava na aldeia Barreiro Preto com 51 alunos.

A Escola Kuhinã Xakriabá funcionava o ensino fundamental com 219 alunos e o ensino médio com 39 alunos com o total de 258 alunos.

A Escola Estadual Indígena Bukimuju funcionava nas aldeias Brejo Mata Fome, Imbaúba I, Imbaúba II, Riacho do Brejo, Riachinho, Pedra Redonda, Olho d'água, Riachão e Terra Preta. Eram 8 turmas de educação infantil, 29 turmas de PPA (Período Preparatório para

Alfabetização) a 4ª série, 5 turmas do ensino médio e 15 turmas de 5ª a 8ª série. Com o total de 57 turmas, 942 alunos, 27 serviçais e 12 funcionários de secretaria e 73 professores.

Hoje algumas escolas já foram desmembradas como a escola da aldeia Itapicuru e a escola da aldeia Riacho do Brejo.

1.2 Metodologia

Enquanto estava fazendo meu trabalho de pesquisa, fiz entrevista com os primeiros professores de várias aldeias e também com o senhor Evaristo, in memórian, benzedor da aldeia Caatinginha.

As entrevistas que fiz, todas foram gravadas em áudio e depois transcritas, respeitando sempre o modo como as pessoas falam.

Nas histórias contadas por essas pessoas, elas fazem uma narrativa, e contam sua história desde que começaram a serem alfabetizados e também contam como foi o processo de quando começaram a alfabetizar. Eles contam as necessidades de aprender e ensinar a escrita, os caminhos da escrita e o processo de aprendizagem da mesma, e ao mesmo tempo contam sua história de vida.

Na conversa que tive com o Senhor Evaristo, não teve uma entrevista gravada em áudio, foi somente uma conversa, onde ele me passou umas orações e falou que era o suficiente para o meu trabalho.

1.3 Pessoas entrevistadas

Entrevistei nove pessoas, de várias Aldeias, algumas tinham várias coisas em comum. Das pessoas que entrevistei, só o senhor Evaristo não foi professor, ele é benzedor, e é um grande sábio.

Entrevistei, o Senhor Antônio, da aldeia Itacarambuzinho no dia 18 de janeiro de 2015, Dona Zelina da Sub-aldeia Veredinha no dia 07 de abril de 2015, Dona Joana da aldeia Prata, Dona Enita da aldeia Riacho dos Buritis, Dulcilene da aldeia Embaúba no dia 29 de março de 2015, Senhor Evaristo da Aldeia Catinguinha no dia 30 de março de 2015, Creusa da aldeia Barra, no dia 01/11/2015, Lurdes, da aldeia Forges, no dia 04/11/2015 e Dona Eunice do Alto Marindo, no dia 08/11/2015.

O senhor Evaristo (in memórian) morava na aldeia Caatinguinha, e era curador ou raizeiro, ele, na última entrevista

Oração do viajante

Que tua vontade possas ó senhor guiar-me para que eu chegue ao meu destino em segurança. Protege-me do perigo durante minha viagem. Ilumina os que direcionam o nosso caminho pelos céus, terra e mar. Que possamos achar favor diante de ti. Bendito és tu senhor, que atende meu coração.

Amém!

Oração para uma boa viagem

Senhor meu Deus, envia o teu anjo na minha frente, preparando o caminho desta viagem. Proteja-me durante todo o percurso livrando-me dos acidentes ou qualquer outro perigo que ronde o meu trajeto.

Guia-me, senhor, com tua mão. Que esta viagem seja tranquila, e agradável, sem contratempos ou contrariedades.

Que eu retorne satisfeito e em plena segurança. Graças dou, pois sei que durante todo o tempo, estarás comigo.

Amém!

Oração do vestibulando

Obrigado, meu Deus, pela oportunidade que me deste de seguir em frente à busca do conhecimento e da profissionalização.

Estou a caminho do vestibular, juntamente com outros estudantes que também sonham com uma nova opção. Inspira-me ò Deus para que eu saiba responder com sabedoria e calma as questões que me forem propostas.

Peço-te que ajudes todos os vestibulandos e os abençoe. Renova a esperança de todos que ainda não conseguiram ingressar na univeridade, para que não desistam da luta.

Obrigado, mestre, e faze-me ver o quanto posso ser útil à humanidade, aprimorando os meus conhecimentos.

Amém!

O Senhor Antônio com idade de 71 anos, mora na aldeia Itacarambuzinho, hoje é aposentado e atua como liderança. Foi o terceiro professor da aldeia, mas teve que abandonar o cargo, pois o que ganhava não era o suficiente para sustentar a família. E comentou sobre a dificuldade que tinha em encontrar alguém que soubesse ler:

Que nós andava, batia um dia andano, caçando uma pessoa pra ler uma carta e num achava, que num tinha quem sabia lê. Dentro de... nós tivemos uma reunião cum sessenta... cum sessenta homi ou mais berano a minha idade, pra encontrá dois sozim que tinha a quarta série, era muito de admirá a dificultade. Hoje, pur que que a gente, nois num temos... Nois temos pessoas capacitada pra sê um doutô, mais num tinha o estudo, né? Mais eu dexei um bucado de aluno aí assinano o nome.

Dona Zelina nasceu no dia primeiro de maio de 1950, é moradora da Sub-aldeia Veredinha, já atuou como professora nas aldeias Barreiro e Vargens. Hoje não atua mais por que chegou o tempo dela aposentar e aí teve de deixar o cargo, porém até hoje não conseguiu. E comentou sobre as formas de castigar os alunos e os argumentos que os professores usavam antes:

Aí nois tinha que trabalhá uma semana pra ajudá ele e istudá uma semana, uma semana sim e uma semana não, a gente pouco aprendia. E além da gente pouco aprendê, a gente não sabia que série istudava não. É a professora num fala, pru que também num... num sabia, só ia insinano, quiria sabê que a gente aprendia lê e escrevê. Naquele tempo tinha tab... é, parmatora, batia, se a gente num subesse a lê, tem hora que tinha uns argumento, pricurava um, se num subesse aquela palavra bom, se num subesse, procurava outro, se aquele subesse aquela palavra, dava um bolo de palamatora na mão chegava invermeá, na mão daquele outro.

Dona Enita com idade de 61 anos é moradora da aldeia Riacho dos Buritis, hoje já está aposentada. Já atuou como professora nos Defuntos, onde hoje é o Riacho dos Buritis e comentou sobre a forma de como os materiais eram produzidos pelos próprios professores:

Naquele tempo... primeiro, a gente não tinha classe, era aprendê lê e ecrevê, bem. Depois já começou, aqui a gente ensinava de primeira a quarta série, pur que eu já tinha a sétima série, mais como era difícil, a gente comprava uns caderno grande, pra aplicá as provas. Comprava uns caderno grande, comprava álco, comprava folha de extenso e a gente fazia as provinha de portugueis e matemática, ciência e história, era quato matérias, e aí a gente pegava, fazia a prova ne... ne uma folha, colocava extenso pro baixo da folha nas outras folha branca, pegava o algudão, passava o alco no algudão e passava na folha e ia molhano e fazendo as prova nas folha, pra dá pros minino fazê, a cumo diga, aplicá pros mininos fazê, os menino fazê as prova, e aí? Aí já foi uma criativa... já começou a mais, a desenvolver, a criatividade na gente, e os menino também já desenvolvia mais, eles ficava até alegre e falava assim, hoje tem prova, de... de... cumo diga, cada um com sua prova, provinha cumo diga, provinha da roça, provinha feito na mão, mais aquilo já era uma alegria pra os alunos, já era assim uma coisa diferente, já era uma novidade, pra ele já era uma coisa boa.

Dulcilene mora na aldeia Imbaúba. Hoje atua como professora na aldeia Brejo Mata Fome. Participou do projeto ALFAZEMA (Alfabetização e Educação de Jovens e Adultos em Áreas do Semi-árido Mineiro), é formada no curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas. Ela comentou sobre as histórias de como as pessoas foram alfabetizadas e de quando começaram alfabetizar:

Então, esse simples livrinho, ele foi surgi... surgido a partir do curso ALFASEMA, né? Que a gente fez um projeto. E esse projeto durou oito meses, né? Então era um projeto de alfabetização de jovens e adultos. Eu acompanhava uma turma, né? Ajudava a supervisionar nessa turma e aí de acordo a gente trabalhava com jovens e adultos, né? A gente teve a ideia de escrever esse livrinho para contar um pouco com a gente foi alfabetizado, né? Ele não tem história de outras pessoas, né? Da comunidade, tem a história do próprio alfabetizador, né? Que hoje a gente vê a dificuldade de alfabetizar, e há muito tempo foi sofrendo variação, né? Um alfabetiza de uma forma, outro de outra, né? Então teve essa ideia de cada um contar sua história, né? Como foi alfabetizado, pra vê se até mesmo facilitava o trabalho dos... de cada um, né? E a gente viu que cada um foi alfabetizado de uma forma diferente, né? E cada um foi contado, né?

Dona Joana com idade de 51 anos é moradora da aldeia Prata, começou a dar aula na aldeia Santa Cruz desde os 14 anos de idade com alunos de 7 a 14 anos com faixa de 75 alunos na turma e hoje ainda atua como professora dos anos iniciais na sua aldeia mesmo. Formada no magistério indígena e no curso superior de formação para professores indígenas. Ela comentou sobre os métodos que usava para ensinar seus alunos a ler e escrever. E que ela usa até hoje, sem precisar de livros didáticos:

No início como eles não sabia, sabia nem lê e nem escrevê, eu ia só falano oralmente. Falava, ensinava oralmente. Aí eu... uma hora eu falava duas ou três vezes, nas quatro eu jogava por cima deles, aí ia. Aí depois de um mês, aí eu já pegava, passava por escrito no quadro, aí colocava cada... de... de acordo acordo com a idade e o desenvolvimento de cada um, aí eu colocava aqueles que dava conta de escrever, escrevia, os que não dava, aí eu já passava no caderno. Eu escrevia no caderno, dava as atividades no caderno e mandava eles olhar a minha letra e imitar, escrevesse o que eu estava passando, o que estava escrito no caderno.

Creusa mora na aldeia Barra do Sumaré, filha de Zé de Cristino, formada no curso do magistério, no Vale do Rio Doce e na primeira turma do curso de formação de professores indígena, há doze anos. Começou a dar aula desde os 19 anos no ano em 1985, e ainda hoje atua como professora de quinta a oitava série e também do ensino médio. Ela comentou sobre qual escrita considera que é específica do povo Xakriabá:

Assim por que a literária que eu falo assim, por que a escrita do portugueses que nois é, se apropriemo igual se a... igual se foi... que nois foi obrigado a se apropriar,né? Da escrita da língua portugueses, da merma forma nois foi obrigado tomém a escri... siguir a merma escrita da mesma língua que vei de lá de portugal. Eu falo assim, a escrita literária assim, por que tem uma literatura que o Xakriabá a... ele fala portugueses, mais... mais um portugueses diferenci... muitos momentos, um portugueses diferenciado, né? Que fala, que faiz parte da literatura Xakriabá. Então essa escrita que eu considero que é nossa, que apesar de ser da língua materna, mais que é uma escrita mais, essa é da língua que os... que os... que os... Xakriabá fala o jeito que é, que ele fala, né? Que num é do jeito deles lá. Que por exemplo, que eu tô falano aqui, mais eu num tô siguino a regra lá, que lá tem as regras. se falar desse jeito, tem que ser desse jeito, se num for desse jeito. Tá errado. Então aqui, tem o jeito de falar, então é isso que eu falo da escrita literária, da literatura da própria fala, que vem do jeito que fala.

.

Maria de Lurdes, filha de Ana Pimenta de Souza e de Francisco Caetano de Souza, mora na aldeia Forges, formada no magistério indígena e no curso de formação para intercultural para professores indígenas. Começou a estudar desde os 7 anos de idade atua como professora de sétima e oitava série, já afastada do cargo de professora dos anos iniciais. Ainda dá aula na mesma escola que começou. Já deu aula em outras aldeias, devido à falta de professores. Começou a dar aula no ano de 1980. Ela comentou sobre os espaços que os próprios pais contuiam para os alunos estudarem:

E quando eu cumecei estudar, cumecei estudar com 7 anos, aqui nessa época não tinha professor, né? Aí o meu pai ele pegou, é um professor do Sumaré, inclusive que ele é até pai é, pai ó, ele é tii da minha mãe, aí ele com... pegou ele no Sumaré pra dá aula na casa do meu pai qe num... num tinha prédio, né? Meu pai construiu um salão ao lado de casa pra poder atender tanto eu e os meus irmãos e as crianças da comunidade, comunidade Forges, pra poder todos aprender ler e escrever. Aí foi mais ou menos na ep... xô vê se eu lembro, na década de 70, 75, a escola era na casa do meu pai. Aí a prefeitura de Itacarambi, aí ele construiu o prédio, né? Aqui na minha comunidade do Forges, construiu a escola. A escola foi em 85.

Eunice Canabrava, mora em Alto Marindo, município de Manga. Nasceu na aldeia Sumaré e dar aula na aldeia Itapicuru, sempre deu aula nesta mesma aldeia. Hoje ainda dar aula, já se afastou de um cargo por tempo de serviço. Formada no magistério indígena e no curso de formação de para professores indígenas no nível superior. Ela comentou sobre a relação entre identidade cultural e fortalecimento da cultura:

É a convivência, então é uma coisa muito importante e respeitando também a cultura, por que o que fortalece o direito indígena é a identidade, a cultura e as vezes as pessoa esquece da cultura e a cultura que fortalece o direito o nosso direito. Eu comecei trabalhá em 75, era mais difícil por que não tinha assim os materiais didático, foi preciso a gente criar, os menino não tinha cadeira, a gente... eles sentava na... na... tinha que fazê aqueles banquinho, a sala era cheia, e aí eles a... a gente trabalhava e também tinha aquela diferença, que naquele tempo era diferente, por que o aluno estudava, aí tinha que sabê a tabuada era a gente perguntá. Só passava de uma... de uma para outra, depois que ele soubesse aquilo. As letra do alfabeto também, era conti... só conheci... só passava de uma pra outra depois que aprindia tudo. Quando ele fazia a primera seri, era um primera seri que tinha as quatro operações, sabê o ABC, né? Conhecê todas as letras, formação, a formação de palavra, letrinha, escrita, juntar, isso a turma de primera seri. Quarta... aí agora ia passando o processo, o segundo ano naquele tempo chamava ano, anos, tinha que sabê lê, escrevê, só passava de uma etapa pra outra, só quem sabia, só quem sabia lê e era difícil.

Capítulo 2 ó Palavras de cuidado e de cura

A escrita é usada por muitas pessoas, mesma pelas que não sabem ler e nem escrever e é usada de várias formas. Uma das formas mais usadas por pessoas que na maioria das vezes não tem conhecimento da escrita, é nas rezas e benzimentos. Há rezadore(a)s ou benzedore(a)s que não sabem ler e nem escrever, outros têm pouco conhecimento. Mesmo eles não sabendo ler e nem escrever, eles têm muitos conhecimentos como o conhecimento das rezas que não estão escritas e que servem para curar muitas doenças.

Quando tem uma pessoa adulta ou até mesmo uma criança doente e precisa receber um benzimento, são estas pessoas sábias que cuidam delas. Há também outros nomes que são dados a pessoas que fazem isso, que são curadores ou raizeiros, que tem o mesmo significado de rezador ou benzedor. Estas pessoas curam as doenças através de rezas e também com remédios caseiros que são feitos com remédios dos matos e remédios de hortas e até mesmo com animais.

As doenças que são tratadas por estas pessoas só são curadas mesmo, se a pessoa tiver fé que ela vai ser curada, se, não a doença nunca é curada, pois o que ajuda curar mesmo é a fé.

2.1 Conversa com senhor Evaristo, morador da aldeia Caatinginha

No dia 30 de março de 2015, fiz uma entrevista com o senhor Evaristo, morador da Aldeia Caatinginha, Município de São João das Missões, Terra Indígena Xakriabá. Ao chegar lá, comecei a conversar com ele, falei o que tinha ido fazer, que seria uma entrevista sobre a escrita, se ele tinha algum material escrito. Expliquei pra que era entrevista: para o trabalho do percurso para minha formação no curso da UFMG.

Ao decorrer da conversa, perguntei a ele, se poderia ceder uma entrevista, se eu poderia gravar. Ele falou que não precisava a entrevista, que não tinha necessidade, mas que ele tinha umas orações e que eu copiasse, e essas seriam o suficiente para o meu trabalho. Comecei a copiar as orações e ao copiá-las, fui ficando impressionada, pois tinha muito a ver com o que eu estava fazendo.

Seu Evaristo não me falou sobre o que ele faz com a escrita ou sobre o modo como ele usa a escrita. Ele agiu da forma como sempre age, me mostrou com seu jeito de fazer quem sabe ler e quer ensinar a ler, ou seja, é para responder à necessidade de saber ler; e outra forma é de quem nem precisa saber ler, para usar a escrita para cuidar e curar as pessoas, isto é, essa escrita responde a uma necessidade diferente da primeira. Dessa forma, temos pelo menos dois usos diferentes da escrita: uma forma de usar é de como o que ele faz com outras pessoas usando a escrita.

Ele usa a escrita para fazer benzimentos, para tratar e cuidar das pessoas. Por isso as orações que ele me deu tinham relação com o que eu falei com ele: falei que era pro meu curso, e ele me deu uma oração de estudante e de viajante (porque nós viajamos para vir para a UFMG).

2.2 A necessidade das pessoas usarem a escrita

Antigamente, na Terra Xakriabá já existia a escrita, mas ela não surgiu aqui mesmo no território. Mesmo que ela não surgiu do povo Xakriabá, mas já existia, porém as pessoas não tinham conhecimento dela. Só depois de um tempo que sentiram a necessidade de lidar com a escrita é que ela começou a ser ensinada. Muitos caminhos foram percorridos, desde quando a escrita entrou no nosso território.

De certa forma, as necessidades acabavam sendo envolvidas no ensinamento da escrita. Nota-se que quando as pessoas começam a falar de como a escrita começou a ser ensinada, elas também não deixam de falar das necessidades que surgiam e das dificuldades que enfrentavam durante o processo de ensinamento da mesma.

Houve muitas necessidades, dentre elas uma das principais foi a da carta. Quando recebiam uma carta, tinha que sair procurando alguém para ler, e muitas vezes, não encontravam. O senhor Antônio que as vezes a pessoa ficava um dia procurando uma pessoa para ler uma carta e não encontrava e que teve uma vez teve uma reunião com sessenta homens mais ou menos da idade dele na aldeia Sumaré para ver quem sabia ler e encontrou somente dois que tinha a quarta série. Outras foram de terem contato com documentos. Também sentiram necessidade de saberem ler e escrever quando perceberam que poderiam perder alguma coisa, ou até mesmo ãser passado pra trásõ, como alguns falaram. Dona Eunice conta que algumas das necessidades foram percebidas por Cacique, pelas Lideranças e também pelas comunidades que estavam sendo prejudicadas. A partir daí, também viram a necessidade de ter professores indígenas. Ela disse que acontecia que muitas vezes as pessoas recebiam documentos e não sabiam ler e, se às vezes conseguissem ler, não entendiam e nem sabiam interpretá-lo. Segundo ela, quando uma pessoa recebia um documento, assinava sem ler, mas nem sabia o que tava assinando, e assim corria o risco de assinar um documento em que passava para outro o seu direito.

Se a pessoa, por exemplo, tem um documento, se a pessoa não sabe ler, ou às vezes ler e num entende, aquele documento pode tá dano o direito e tirano o direito, né? Da pessoa. Aí a pessoa tem que ler e entender, se é aquilo mesmo, será que tá certo, será que tá errado, será que vai me prejudicá. (Dona Eunice, entrevista em 08/11/2015).

Logo após, as pessoas perceberem que tinham necessidade de aprender a ler e escrever, começaram a trazer professores de fora, ou professores não indígenas para ensinarem a escrita no território. Com o passar do tempo, perceberam que os alunos não

estavam tendo um bom desenvolvimento, pois os professores não trabalhavam a semana toda, porque moravam longe. Os professores só chegavam na aldeia, na segunda-feira à tarde, e na sexta-feira pela manhã já voltavam, pois não tinha transporte todos os dias para onde precisavam ir. Com isso, os alunos só tinham aula 3 dias por semana, nos outros dois dias, era o tempo em que os eles iam e voltavam pra aldeia.

Os professores que começaram a dar aula nas aldeias, começaram desde quando eram mais novos, tinham na faixa de 14 e 15 anos.

Dona Joana conta que, com o tempo, teve que dividir as turmas, pois sua turma era muito grande; e aí, passou uma das turmas para seu sobrinho dar aulas.

Ela conta que, em 1996, surgiu o magistério indígena no Parque do Rio doce, então foi um grupo de professores da TIX para fazer o curso. Quando o pessoal estava lá, souberam que estavam indo professores de outros lugares para ocupar as suas vagas. Então resolveram vir e, quando chegaram, chamaram o prefeito e falaram que ele tinha que contratar os que já estavam fazendo o magistério. Porém, o prefeito alegou que a turma era novata e que não podia contratar, mas as pessoas insistiram e falaram que os pais podiam ser responsáveis pelos que eram menores de idade, e assim, os pais concordaram. Com isso, hoje, no território Xakriabá, todos os professores que atuam nas salas de aulas, são os próprios indígenas.

Creuza fala que desde antes já existia a necessidade de saber ler e escrever. Segundo ela, se as pessoas tivessem a escrita da língua ou alguma coisa registrada sobre a escrita da língua Xakriabá, não teríamos perdido completamente o contato.

Entre as diversas necessidades que se vê de aprender, há várias que são citadas por muitas pessoas das quais entrevistei. Creuza aponta algumas necessidades que são: a implantação das escolas indígenas e produção de material sobre o povo Xakriabá. Ela diz que produzir material foi um grande início e é uma forma de registrar muitas coisas do povo Xakriabá. Segundo ela, mesmo que antes de 1996 já estivessem trabalhando, não registravam nada.

Da... da escrita, registano as coisas, as necessidades, a implantação das escola, né? A produção de material, a necessidade de produzir material, eu acho que foi esse, um grande início que teve, né? Pur que nois ás veis trabaiava mesmo, mesmo que já trabaiava antes de 96 pra trais, mais ninguém registava nada. (Creuza, entrevista em 01/11/2015).

O registro é algo importante para qualquer povo. Sendo assim, considera-se importante o registro de todos os acontecimentos no nosso território. Também tem a questão do registro que depois de passar por alguns processos muda-se um pouco o sentido. Algumas coisas depois que passam para o papel já não tem mais o mesmo sentido de quando estava

na oralidade. Creuza fez essa observação em sua entrevista quando falou sobre os registros que são feitos. Segundo ela, na oralidade o sentido está de uma forma e quando passa para a escrita, aquilo muda o sentido, mas que mesmo assim, registra-se.

Ninguém registava nada nas escolas. É, que era específico do Xakriabá. E hoje tá registano, muitas coisas né? Apesar de ter coisa que num fica a mesma coisa depois que ela passa pa escrita, ela pega outro sentido, né? Mais tá registano. (Creuza, entrevista em 01/11/2015).

Capítulo 3 ó A escrita e as escolas na TIX

A escrita começou a ser ensinada na TIX, bem antes da implantação da escola indígena, devido a necessidade de pessoas aprenderem a ler e escrever. O ensino começou na década de 70 e só em 1997 foi implantada nas escolas indígenas.

3.1 Como e quando começou a funcionar as primeiras escolas e como eram as condições

As primeiras escolas começaram a funcionar no território Xakriabá por volta dos anos 70, antes da chacina que aconteceu, na década de 1980, no território Xakriabá em que fazendeiros locais assassinaram pessoas do nosso povo. Quando as primeiras escolas começaram a funcionar não tinham os recursos como têm os da prefeitura e do estado, pois eram os pais que pagavam para que as escolas funcionassem. Os pais quem encontravam professores, õarrumavam-osõ fora da aldeia, pois não se tinha, na aldeia, alguém formado ou habilitado para dar aula. Os pais e até mesmo os alunos trabalhavam para pagar o professor que eles contratassem. Eles tinham que trabalhar na roça, pois não tinham outro serviço, outra forma de sobrevivência. O senhor Antônio conta que no tempo que eles pagavam, o dinheiro era chamado de mirreis.

Não tinha cadeira e mesa, então os pais mesmo faziam uns banquinhos para os alunos se sentarem. O quadro era feito de madeira.

Os professores não tinham materiais de boa qualidade, e algumas vezes eles mesmos elaboravam seus materiais. Às vezes recebiam algumas cartilhas que vinham da prefeitura para que pudessem repassar aos alunos. Eles aprendiam somente o básico que era ler e escrever e também operações de matemática, como fazer contas, as diversas formas de medida necessárias para sobreviver.

Alguns desses materiais produzidos ou criados pelos próprios professores, destaco, por exemplo, a tinta da caneta, quando acabava a que a prefeitura mandava, eles tiravam a tinta de uma árvore chamada Coirana. E assim passavam o dever no caderno para os alunos. Depois de algum tempo, alguns já elaboravam as avaliações para passar aos alunos, com extenso e álcool na folha de Chamex. Estes materiais foram os primeiros que surgiram.

De acordo com as histórias contadas pelos entrevistados, os primeiros professores, tomaram com base o texto do processo de escolarização entre os Xakriabá, quando a escrita começou a ser ensinada, ainda não tinha um modelo de escola, mas apenas a necessidade de acontecer o ensino da escrita devido as necessidades que as pessoas tinham de aprender. Sendo assim, tudo que uma pessoa soubesse ler e escrever, mesmo sendo um pouco, já ensinava aos outros. Assim os pais que tinham condições pagavam essa pessoa para ensinar a seus filhos e aqueles que tinham interesse em aprender e tinha condições, também pagavam-no para ensiná-lo.

Poderíamos dizer que ainda não se tratava propriamente de escolarizar, uma vez que não existia a configuração de uma escola, mas de um grupo de crianças que eram instruídas por uma espécie de preceptor. (GOMES, 2006, p. 322).

Analisando as entrevistas que fiz, notei que quase não tinha a presença masculina nos cargos de professor. Dos nomes dos primeiros professores que foram citados, a maioria eram mulheres. Só depois que foram criadas as escolas no território Xakriabá é que aumentou a presença masculina nos cargos, tanto de professores, quanto os outros do ambiente escolar.

Uma das dificuldades que prejudicava bastante era a falta de merenda. Alguns dos entrevistados contam que tinham que levar de suas casas e pediam para os alunos também levarem alguma coisa que tivesse. As vezes já levavam pronto, outras vezes levavam alguma coisa para o professor mesmo preparar, pois não tinha merendeira. Então o professor tinha que conciliar o tempo, em dar aula e fazer a merenda. Eles contam que pegava aqueles alunos que eram maiores e pediam para eles ajudarem a pegar lenha e água e até mesmo a varrer a sala.

3.2 Onde foram as primeiras escolas e quem foram os primeiros professores

As primeiras escolas foram iniciadas em vários lugares, nas aldeias: Riacho dos Buritis, Vagens, Barreiro, Sumaré, Santa Cruz, Forges e Barra. Quem primeiro começou a dar aula nestas escolas, foram os professores não indígenas, pela prefeitura, depois de um tempo, já foram os indígenas, também pela prefeitura. Depois de algum o tempo a escola já passou a ser estadual e permanece até hoje.

As primeiras escolas começaram a funcionar em vários lugares como, em casas de família, galpões e até mesmo embaixo de árvores, pois ainda não tinha prédio escolar. Às vezes os pais se reuniam e construíam um galpão para o professor dar aula, pois às vezes o espaço da casa não era suficiente para todos os alunos estudarem, quando a casa era muito pequena. Alguns prédios escolares foram construídos pela prefeitura na década de 1980. Outros em 1996, quando foi implantado o Programa de Implantação das Escolas Indígenas de Minas Gerais (PIEI-MG), que criou algumas escolas.

Nas entrevistas feitas, foram contadas muitas histórias sobre as primeiras escolas e os primeiros professores. As pessoas contam quem foram os primeiros professores que deram aula nas aldeias. Elas contam que esses primeiros professores vieram de outros lugares, pois nas aldeias não tinha alguém habilitado para ensinar. Eles, os quais foram lembrados nas entrevistas foram os seguintes: Sr. Civi, Rita e Zuita do finado Evarisco, Edita, Maria, Geraldo, depois de algum tempo já foram os meus entrevistados: Dona Zelina, Creusa, Lurde, Eunice e Dona Joana. O senhor Antônio de Pulu, foi dos primeiros professores na década de 70. Hoje, nas escolas do território Xakriabá só atuam os professores indígenas. Muitos já têm formação no magistério indígena e curso superior, alguns têm somente a formação do magistério indígena, outros só o curso superior, e outros só o ensino médio. As escolas hoje funcionam todas em prédios escolares. De acordo com o texto *“Letramento, Identidade e Cotidiano entre jovens Xakriabáö, de Carlos Henrique de Souza Gerken e outros:*

A escolarização da Aldeia Barreiro Preto se iniciou em 1970, com uma escola municipal administrada pela Prefeitura de Itacarambi, que a nomeou como Escola Frei Caneca. Antes desse período, as famílias que dispunham das melhores condições eventualmente contratavam para ensinar ler e escrever. Em outros casos, membros da comunidade que dominavam a escrita, assumiam essa tarefa de ensinar a ler e escrever. (GERKEN et. al., 2014, p. 262).

Confirmei esse histórico nas entrevistas que fiz com os primeiros professores, em que eles contam como e quando as primeiras escolas começaram a funcionar.

3.3 Materiais que eram utilizados antigamente

Antigamente existiam poucos materiais que as pessoas utilizavam para ler e também para ensinar para os alunos. Mesmo quando as escolas passaram a ser da prefeitura, eram oferecidos poucos materiais. Os professores falam em suas entrevistas sobre a falta de material de antes e que isso prejudicava no ensino aos alunos e também em seus desenvolvimentos.

Os materiais fornecidos, eram: quadro, giz, cartilha e uma caneta que era chamada de pena e um vidro de tinta para abastecer essa caneta depois que a primeira tinta acabasse, e também uns lápis que às vezes vinham só uma vez por ano, e aí os alunos tinham que usar até que acabasse todo. Seu Antônio conta que seu Civi ensinou ele a tirar a tinta de uma planta que chamava coirana. Essa tinta imitava a tinta da caneta.

Os professores consideravam que a música, os versos, as danças e as brincadeiras também eram materiais didáticos, portanto usavam para dar aulas e alguns contam que eram métodos que ajudavam muito no desenvolvimento dos alunos, e eles se desenvolviam bem.

Dona Joana fala em sua entrevista sobre um livro que ela tem, que, mesmo sendo antigo ela ainda usa muito, pois as leituras que contém nele, são leituras pequenas, algumas só com quatro frases e que ajuda muito no desenvolvimento da leitura dos alunos, principalmente dos anos iniciais.

Dona Anita conta que quando começou dar aulas, o quadro era de madeira e bem velho e o giz era ela quem tinha que comprar, pois nessa época a escola ainda não era da prefeitura. Ela fala sobre a questão de que não tinham nenhum planejamento para ajudar no que fosse trabalhar com os alunos, então ela achava muito difícil, então ela fazia os planos de aula de acordo com o que ela sabia e o que ela tinha aprendido quando estudava.

Devido à falta de material, os professores contam que trabalhavam bastante a oralidade com os alunos.

Outros materiais também utilizados pelas pessoas que sabiam ler eram os catecismos da igreja e da família. Estes eram usados para fazer orações era também usado no ensinamento das doutrinas as igreja católica.

3.4 As diferentes formas de ensinar e aprender

As pessoas contam que a escrita começou a ser ensinada na aldeia só quando começaram a vir uns professores de fora, pois não tinha ninguém habilitado para ensinar nas aldeias. Isso aconteceu por volta de 1976, 1977, quando os primeiros professores começaram a ensinar.

Creuza fala que a escrita já existia no território, que ela surgiu desde a pré-história, das pinturas das cavernas. Ela disse que a escrita do português não surgiu dos Xakriabá, mas que ela foi imposta, por um processo de invasão, e que o povo Xakriabá teve que se apropriar da escrita. Segundo ela, a escrita que é original do povo Xakriabá são as pinturas corporais, as pinturas das cavernas e das cerâmicas. O que ela considera também que é escrita do povo Xakriabá é a ãescrita literáriaö, no português do jeito que o povo fala, que é a forma tradicional.

Segundo as pessoas que entrevistei, antes os alunos aprendiam simplesmente o básico, não tinham um estudo mais avançado como hoje, pois aprendiam somente a ler um pouco e assinar o nome. Para o professor, quando o aluno aprendia isso, já achava que ele sabia õmuita coisaö, e aí, tinha que procurar outra escola. Quando chegava esse tempo, os que tinham condições, iam pra cidade ou para outro lugar, os que não tinham, paravam de estudar. E assim, ficavam esperando, até que tivesse uma oportunidade de ir para outro lugar para continuar o estudo.

As pessoas contaram que quando a escrita começou a ser ensinada não tinha divisão das turmas por série e nem por ano. Então estudavam, mas nem sabiam em que série estavam. Depois de algum tempo, começaram a se dividir as turmas por série; mas, só estudavam, na aldeia, até a quarta série.

O principal objetivo era que aprendessem a ler um pouco, assinar o nome e fazer conta, o aluno que já conseguisse fazer isso, já se considerava que ele sabia.

O senhor Antônio de Pulu e também outras pessoas contaram que quando eles estudavam, não sabia nem qual a série em que estavam e que consideravam que passava de uma série pra outra o aluno que aprendesse a ler e escrever mais rápido, ou seja, o que fosse mais inteligente. Com uma semana ele disse que aprendeu a fazer o nome dele e com dois meses que ele frequentava a escola, o professor falou que ele tinha que procurar outra escola.

Não tinha aquele negócio não, fulano tem que... passou primera seri não, a seri era aquele mais inteligente que prindia lê e iscrevê mais rápido. Eu sei que dende uma semana eu prendi iscrever meu nome, uma semana sozinha. Cum um meis eu rá... cum... cum dois meis de iscola, o prufessô já falô assim: ó aqui cê rá num... cê tem que arrumá outa iscola, cum dois meis, né? (Antônio de Pulu, entrevista em 18/01/2015).

Havia diferentes formas de ensino da escrita. Cada professor tinha sua prática ou sua forma de ensinar. As formas de ensino lembradas nas entrevistas foram o trabalho com leitura, escrita, música, danças, brincadeiras, atividades orais, versos, entre outros. Um exemplo destes pontos citados acima é no caso de Dona Joana, que fala sobre as diferentes formas de ensinar, como, por exemplo, no verso, na música ou na leitura, eles observavam e falavam o que tem ou o que apareceu no que foi apresentado pelo professor.

Dona Zelina conta como eram os õargumentosõ que existiam nas salas, que eram realizados pela tabuada. Então o professor perguntava aos alunos, se soubessem responder, tudo bem, se não soubessem, levava um bolo de palmatória. Esses argumentos eram realizados na sexta-feira.

Naquele tempo tinha tabuada, é parmatora, batia. Se a gente num subesse a lê, procurava outo, se aquele souesse quela palavra, dava um bolo de parmatora na mão que chegava inermeá, na mão daquele outo. E aí, ino assim a gente cum meso de apanhá, na sexta-feira, que era dia dos argumentos. (Dona Zelina entrevista realizada em 07/04/2015).

Dona Joana conta quais eram as formas de ensino que utilizava para lecionar a seus alunos. Uma das formas era a apresentação de objetos iniciados com as vogais e as letras do alfabeto. Ela conta que, com aquelas letras, eles podiam fazer várias coisas como: escreverem seus próprios nomes, nomes de lugares, de objetos e dos próprios materiais que usavam na sala e até mesmo o que estivesse ao redor deles na sala de aula.

Ela conta que sempre trabalhava com os assuntos e atividades sobre os quais os alunos tinham conhecimento e que ela também tinha. Mesmo ela tendo estudado fora da aldeia, não tinha como base os estudos de lá de fora, sempre tinha como base os conhecimentos tradicionais do povo Xakriabá. Ela disse que, para ensinar a ler a escrever, ela primeiro falava, ensinava oralmente, duas a três vezes e na quarta ela deixava por conta dos alunos. Ela acredita que é uma forma que os alunos aprendem melhor. Depois já passava escrito no quadro, mas passava de acordo com idade e o desenvolvimento de cada um. Para ensinar aos alunos a escreverem, ela falava com eles para imitarem a letra dela, ou seja, o que ela passasse no caderno. E foi assim que ela começou a trabalhar na aldeia de Santa Cruz e trabalha até hoje.

Dona Eunice fala em sua entrevista sobre alguns métodos que ela tinha para ensinar. Ela dá o exemplo que era trabalhar com músicas, e como isso ajudava no desenvolvimento dos alunos.

De acordo com o texto do Gerken letramento, identidade e cotidiano entre jovens Xakriabá, nos Xakriabá existem várias formas de ensinar a escrita. Há diversas formas de letramento, como a oralidade e a escrita que tem uma relação entre si. Muitos não dominam a escrita, mas, mesmo assim criam e produzem seu próprio material e seus próprios documentos.

Na mesma direção pode-se afirmar que existem diferentes formas de letramento, nas quais podem ser observadas múltiplas formas de relação entre a oralidade e a escrita, sendo que a primeira permanece como referência dominante.(GERKEN et. al., 2014).

3.5 A escrita específica dos Xakriabá e a escrita imposta

Falando um pouco sobre os dois tipos de escrita que as pessoas consideram que há no território, é a escrita específica dos Xakriabá e a escrita que foi imposta pelos portugueses. O povo Xakriabá usa a escrita do português, mas também tem a escrita que é considerada parte da cultura e que nos é específica. A escrita do português não é a escrita específica do povo Xakriabá, mas sim, a escrita que foi imposta pelos missionários portugueses quando aqui chegaram. Sendo assim, o povo foi obrigado a se apropriar dessa escrita e desse português.

Assim, nosso povo foi obrigado a deixar de falar a língua materna, o Akwen, de usar suas pinturas e adereços, e a deixar seus costumes. Com isso fomos obrigados a ter contatos com a escrita e só passamos a ter esses contatos depois que vimos que havia mesmo a necessidade de lidar com ela.

Creuza fala que a escrita da língua portuguesa não surgiu do povo Xakriabá, mas sim, surgiu da pré-história, ou seja, que não é específica do nosso povo, mas que foi imposta junto com a língua do não indígena, a do branco.

Ela fala que a escrita que é original do povo Xakriabá é a que surgiu desde o tempo da pré-história que são as pinturas das cavernas, as pinturas corporais e as artes, ela disse que entende que essa que é a escrita específica do povo Xakriabá e que o povo foi obrigado a deixar de falar e também deixar de usar.

Ela disse que quando se fala em escrita do povo Xakriabá, ela entende também como forma de registrar, de escrever e também de falar do nosso povo.

Falano sobre a escrita entre os Xakriabá, essa... a escrita nos Xakriabá, assim eu entendo assim, que falano da... na... forma de registá e... e... e escrevê e também falá, eu acho assim que ela surgiu é... a escrita surgiu... na pré-história com as... com a... com a... com as pinturas, né? Das cavernas e... e a cerâmica, que a gente vê mesmo que é específico do povo Xakriabá. É nas artes, né? Nas artes do Xakriabá, as pintura corporal, igual é falado nas histórias do homem pré-histórico, eu entendo assim que é escrita dos Xakriabá. Mais a escrita mesmo, eu acho que ela nunca... do Xakriabá, ela nunca surgiu. Surgiu a escrita assim, junto com a língua do não indígena, a escrita do branco do português. (Creuza, entrevista em 01/11/2015).

Creuza ainda fala que a língua não indígena foi imposta pelos jesuítas que ensinavam a religião e também algumas necessidades que os índios tinham de se comunicar com os não-índios. Como, por exemplo, a criação do SPI, que é o Serviço de Proteção ao Índio, que foi criado antes da FUNAI. Ela disse que a partir daí também que os índios começaram a lutar, e

a defender seus direitos, como também a escrever cartas e então, se adaptaram à língua e à escrita dos não-índios, a língua portuguesa.

Cum os aldeamento, né? Pelos missionários, foi... foi imposto a língua e tomém acho que... aí a parti daí cumeçô a surgi a escrita atraveis dos missionários, dos jesuitas, que... que ensinava a religião e tomém algumas necessidades que os índios tinha de se comunicá cum os não índio a parti do... da criação do SPI, né? O SPI foi criado é... antes da Funaia, né? Criô o SPI, Serviço de Proteção aos Índios. E aí cumeçô os índios a lutá pra defendê seus direitos, e cumeçô escrevê carta e adaptá à língua dos... dos não índio, que é a língua portuguesa. (Creuza, entrevista em 01/11/2015).

3.6 Materiais coletados durante o projeto de pesquisa

Durante o meu projeto de pesquisa, procurei materiais que eram usados pelas pessoas antigamente. Algumas pessoas falaram que antes existiam alguns materiais, mas que, quando os filhos começaram estudar e aprenderam a ler, pegavam os livros e eles acabavam se perdendo. O senhor Antônio de Pulu fala que ele possuía muitos livros, e que seus filhos pegaram e acabaram sumindo. Ele ainda falou de um livro de história que continha a História do Brasil. Ele disse que neste livro tinha toda a história desde o começo do Brasil e era todo detalhado.

O senhor Antônio conta que os materiais que usavam antigamente eram bem mais fácil de entender e também era mais fácil para os alunos aprendessem.

Consegui coletar alguns materiais que algumas pessoas ainda guardavam. Durante uma conversa com o senhor Zé do Rolo, o avô de Célia Xakriabá, ele falou que antes tinha muitos materiais, mas que deu alguns de presente para algumas pessoas, outros, ele emprestou, mas não recebeu de volta. Mas ele disse que ainda tinha alguns, como um livro que era usado para preparar as crianças para a primeira eucaristia e também o catecismo da família, que são livros católicos.

O livro de preparação para a 1ª eucaristia era usado para preparar os alunos para a primeira comunhão, preparando-os para receberem o sacramento da comunhão.

Outro senhor da aldeia Rancharia, também tinha um livro que ele usava quando estudava. Este livro é da 4ª série do 1º grau. Este livro foi produzido na década de 70, em 1974.

Durante a pesquisa encontrei também um livro e duas cartilhas de ciências. O livro é da primeira série e as cartilhas são da 4ª série do 1º grau. O livro tem como tema ciências físicas e biológicas e é uma sugestão de ensino para o 1º grau.

O livro e as cartilhas são da década de 70, e foi produzido ano de 1977. As cartilhas eram materiais dos alunos e também tem o mesmo tema do livro. Estas cartilhas são divididas por partes. As que eu encontrei foram as partes II e VI. Estas cartilhas são de atividades de aprendizagem do aluno.

O livro *O catecismo da família* foi produzido em 1981, *O catecismo da primeira eucaristia* foi produzido em 1988.

Capítulo 4 ó Considerações finais

Desde antes de fazer a minha pesquisa, ouvi muitas coisas que me chamaram a atenção, as histórias que várias pessoas contavam de como foi o tempo em que aprenderam a ler e a escrever. Achei muito interessante e decidi fazer minha pesquisa sobre como a escrita começou a ser ensinada na Terra Indígena Xakriabá.

Durante minha pesquisa, muitas histórias foram contadas, pelos primeiros professores que começaram a dar aula. Contaram suas histórias de quando começaram estudar, e também de quando começaram dar aulas, e falaram sobre as necessidades, os avanços e as dificuldades.

No andamento da pesquisa, aprendi muitas coisas, sobre a escrita, quando ela começou a ser ensinada, por quem foi ensinada e qual a necessidade de ser ensinada, conhecendo as histórias de cada uma das pessoas entrevistadas, pois são histórias de vida que devem ser guardadas para fazer parte da história da educação indígena, mineira e brasileira, e da memória coletiva do nosso povo, para que conheçam também como foi a luta dos primeiros professores para que a escrita fosse ensinada. Descobri muitas coisas interessantes sobre o ensino da escrita, como algumas formas de ensinar ler e escrever. Dentre as formas de ensinar e escrever, uma das que achei bem interessante foi o ensino da leitura através da música. Dona Anice da Aldeia Itapicuru fala em sua entrevista que ela ensinava seus alunos lerem cantando. As músicas que ela ensinava eram as seguintes: Mariana conta um, marcha soldado, alecrim do campo, atirei o pau no gato e escravos de Jó. (Cf. Anexo II).

Espero que esta pesquisa seja um ponto de partida para outras pesquisas sobre o tema. Espero também que este material não fique só arquivado, mas que seja desenvolvido nas escolas, para que as crianças tenham conhecimento de pessoas que já se foram e que são muito importantes e deixaram marcas na história do nosso povo.

O prazer maior que tive em pesquisar as histórias contadas pelas pessoas foi o registro de muitas dessas histórias. Falo sobre o registro e a importância de se registrar, porque enquanto estava fazendo a pesquisa, ouvi e pensei muito sobre as pessoas que se vão e levam consigo muitas histórias e muito conhecimento e que poderiam ter sido registrados, mas infelizmente não foram. Escolhi entrevistar os primeiros professores de várias aldeias, e também o senhor Evaristo, que era um grande sábio da aldeia Caatinginha. Embora não tendo conhecimento da leitura e da escrita era conhecido como um grande sábio. Ele faleceu antes que eu terminasse o percurso, e voltasse lá para mostrar o trabalho finalizado.

Aprendi que o registro é muito mais importante do que a gente imagina, e espero que todos tenham o costume de realizá-lo, pois é algo importante, nossa história contada pelos sábios, mulheres e homens, cujo registro serve para os que aqui estão, mas principalmente para as futuras gerações.

Referências

GERKEN, Carlos Henrique de Souza, ALVARENGA, Tamiris Amanda Rezende de, OLIVEIRA, Daniel dos Santos, OLIVEIRA, Ildete Freitas. Letramento, identidade e cotidiano entre jovens Xakriabá. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 30, n. 4, p. 251-276, out./-dez. 2014.

GOMES, Ana Maria R. O processo de escolarização entre os Xakriabá: explorando alternativas de análise na antropologia da educação. *Revista Brasileira de Educação*, v. 11, n. 32, p. 316-375, maio/ago. 2006.

ANEXO I ó Músicas usadas no ensino

Alecrim do campo

Alecrim, alecrim dourado
Que nasceu no campo
Sem ser semeado
Foi meu amor...
Que me disse... assim
Que a flor do campo... é o alecrim
Alecrim, alecrim miúdo
Que nasceu no campo
Perfumando tudo
Foi meu amor
Que me disse assim
Que a flor do campo é o alecrim
Alecrim, alecrim aos molhos
Por causa de ti
Choram os meus olhos
Foi meu amor
Que me disse assim
Que a flor do ampo é o alecrim

Atirei o pau no gato

Atirei o pau no gato tô
Mas o gato tô
Não morreu reu reu
Dona Chica cá
Admirou-se se
Do do berro, do berro que o gato deu
Miau!!!!

Não atire o pau no gato tô
Por que isto tô
Não se faz faz faz
O gatinho nhô
É nosso amigo gô
Não devemos maltratar os animais
Jamais!

Marcha soldado

Marcha soldado,
Cabeça de papel.
Quem não marchar direito,
Vai preso no quartel.
O quartel pegou fogo
A polícia deu sinal.
Acode acode a bandeira nacional.

Escravos de jó

Escravos de jó
Jogavam cachangá
Tira, põe
Deixa ficar
Guerreiros com guerreiros
fazem zig-zig-za
guerreiros com guerreiros
fazem zig-zig-za

Mariana conta

Mariana conta um
Mariana conta um é um é um é,
Ana viva a Mariana viva a Mariana,
Mariana conta dois
Mariana conta dois é dois é dois é,
Ana viva Mariana viva a Mariana,
Mariana conta três
Mariana conta três é três é três é,
Ana viva a Mariana viva a Mariana...

ANEXO II - Entrevistas

Entrevistado: Creuza

Idade: 55 anos

Data da entrevista: 01/11/2015

Local da entrevista: em sua casa, aldeia de Barra do Sumaré

Transcrição da entrevista

Creuza: Eu chamo Creuza, eu sou... moro aqui na Aldeia Barra do Sumaré. Sou fia de Zé de Cristino e sou também da primeira turma de formação de professores indígenas. Formei no Magistério de... no Vale do Rio Doce e fiz é... a faculdade em Belo Horizonte. E ante de fazer o curso do magistério, eu já dava aula, há doze anos. É... eu dava aula no Sapé, depois eu agora tô dando aula aqui na Barra de quinta à oitava. Comecei de primeira a quarta e agora tô de quinta a oitava, dou aula também no insino médio. E... falano sobre a história da escrita entre os Xakriabá, essa... a escrita nos Xakriabás assim, eu entendo assim, que falano da... na... forma de registrá e... e... e escrevê e também falá, eu acho assim que ela surgiu é... a escrita surgiu é... na pré-história com as... com a... com a... com as pinturas, né? Das cavernas e... e a cerâmica que a gente vê mesmo eu é específico do povo xakriabá. É nas artes, né? Nas artes do Xakriabá, as pinturas corporais, igual é falado nas histórias do homem pré-histórico, eu entendo assim que é escrita dos Xakriabá. Mais escrita mesmo, eu acho que ela nunca... do Xakriabá ela nunca surgiu. Surgiu a escrita assim, junto com a língua do não indígena. A escrita do branco... do português, que o próprio índio Xakriabá se adaptou junto Cuma... cum a língua, pur que o Xakriabá cum... cum... cum a... cum os... cum os aldeamentos, né? Pelos missionários, foi... foi imposto a língua e também acho que... Aí a partir daí começou a surgir a... a escrita através dos missionários, dos jesuítas, que... que ensinava a religião e também algumas necessidades que os índios tinham de se comunicar com os não índios a partir do... da criação do SPI, né? O SPI foi criado é... antes da Funai, criou o SPI, né? Serviço de Proteção ao Índio, e aí começaram os índios a lutar pra defender seus direitos, e começaram a escrever cartas e adaptaram a língua escrita dos... dos não índios, que é a língua portuguesa. Então acho que a escrita começou dessa época da... da... do processo de invasão e de... de... cumé que é? Dominação dos não índios, né? Que os índios não tinham uma... uma escrita. Se os índios tivessem a escrita da língua, não teriam perdido a língua, por que aí ia... ia rever, né? Aí a escrita começou a ser introduzida com mais intensidade no... no Xakriabá, né? Como que a escrita chegou aqui no Xakriabá, mais pra registrar os acontecimentos e a história, foi na... entre os conflitos mesmo que começou a acontecer aqui im... no ano de 87, aí já começou a escrever mesmo, né? Sobre o Xakriabá e começou a escrever mesmo, publicar material, foi no... no curso de formação de professores indígenas né... no ano de 96, começou im 96 no Vale do Rio Doce. Aí a primeira turma começou a pesquisar com os mais velhos, histórias, histórias de luta, pesquisar, pesquisar em livro e começou a escrever, né? Registrar as coisas sobre os Xakriabá, com esse, esse curso do magistério, aí tem livro, tem uma grande quantidade de material publicado dessa época. E dessa época pra cá, vem publicando material sobre o Xakriabá e até hoje pro... é... eles estão publicando aí nos cursos da UFMG. Que ela é... eu acho assim que a escrita não chegou... não chegou... num... não foi criada nenhuma escrita no Xakriabá até hoje. Os Xakriabá se

apropriou de uma escrita que já tinha na língua portuguesa, através da invasão, né? Então isso, ele se apropriou dessa escrita que não é... é dele. Mais ele se apropriou da forma deles e também e tem a escrita de uma forma literária também, que já é outra forma diferente. Mais eu vejo assim, dessa forma, que do mesmo jeito que a língua foi imposta, a escrita também é imposta,. Mais isso não significa que os índios não registraram as coisas dele, tá certo, né? Pois índio registrar as coisas dele, as... a... os acontecimentos que são as... os verdadeiros acontecimentos que são as... os verdadeiros acontecimentos da história do Xakriabá e... e... e os aprendizados e as inovações, né? Também de outras coisas importantes que podem tá se perdendo, se não for registrado. Por exemplo, se os Xakriabá, se os mais velhos tivessem se preocupado em... em... em... em escrever alguma coisa da língua, não teria perdido a língua. Mas também tem aquela visão, né? E aquela... é muito acreditada e a gente também vê, que se não fosse aquelas coisas que achasse nas cavernas, as pinturas, as coisas das cerâmicas da... que são registros, não... não... não ficava, né? Muitas coisas ficavam perdidas. Aí já sobreviveu, a, né? Eu acredito que seja uma escrita da... da mesma maneira que... que... que existe escrita hoje, existem desenhos daquela época, nas coisas que podem revelar, revelar coisas sobre a história. E tem a oralidade que hoje não registram, né? Não é escrita, mais é registro e junta tudo, né? A escrita e registro para mim se torna na mesma, né? E também tem a... a... a... a pé... como que as pessoas aprendiam ler e escrever, naquela época, aprendiam ler e escrever. As pessoas aprendiam ler e escrever, é... e... uns pagavam, né? Os outros mais velhos para ensinar, né? Escrever. Paricido mesmo fez foi pagar um homem chamado Civi, né? Pagou trinta dias. Com trinta dias, ele aprendeu ler e escrever e fazer conta. Agora eu também paguei um homem que chamava Firme, o pai meu que pagou, mais eu estudei na escola regular pela prefeitura, né? E pelo estado. Aí eu já entrei em outras escolas públicas e aprendi também ler e escrever. Mais ler e escrever assim no sentido de... de uma escrita e de um aprendizado do não índio. E o primeiro professor foi... foi... foi essa pessoa que era mais velha, que nessa região aqui tinha um senhor que mora em Missões, mais ele já... já tá com problema de mal de Alzheimer, né? Acho que ele não sabe explicar mais, é chama Civi, é o sogro de Nina, da irmã minha, o pai de Reginaldo, foi ele, foi meu primeiro professor e de Paricido aqui e tinha um Zequinha também que dava aula e tinha um Firme, que mora em Itacarambi hoje, ele também dava aula e eu também, como eu aprendi na época de 85, eu aprendi... eu tava com 19 anos, aí já passei a dar aula também aqui para os outros que não tinham estudo. Aí quem queria aprender ia na escola, matriculava e ficava até a quarta série e aprendendo ler. Eu de... dei aula aqui na Barra, dei no Sapé, até que nem eu falei, até 96, eu dei aula pela prefeitura. Aí ia aprendendo, aprendendo ler e escrever. E observe... o caso de professores que sabem ler, xô vê. Observar o caso dos professores que sabem ler mais não sabem escrever, e sabem escrever, mais não sabem ler.

Anézia: esse... esse caso assim, por que disse que tinha pessoas que às vezes, eles já começavam ir pra escola, só que tinham pessoas assim que aprendiam ler, mas antes de aprender escrever, outros aprendiam escrever antes de aprender ler. Assim no seu caso, assim que, quando você começou dar aula assim ou quando você estudava, você lembra de algo assim.

Creuza: ah! É sabe ler mais não sabe escrever, sabe escrever mais não ler. É acho que é mais fácil ter alguém que sabe escrever e não sabe ler, do que ter o que sabe ler e não sabe escrever. Pois que ler é uma coisa, escrever é outra. As vezes a pessoa sabe ler, mais não

entende o que ler, aí eu acho que nesse caso, fica uma pessoa analfabeta, né? Que ele ler e num entende, pur que pa saber ler, ele precisa ler e entender. E quando eu é... quando eu dava aula, é existe a pessoa que sabe copiar, mais sabe ler, né? Sabe copiar e num sabe ler. Tudo o que cê passa lá no quadro, ele copia uma beleza. Então esse aí, eu não considero que é ele que escreve, eu considero que ele transcreve o que outro escreve. Aí é... eu até hoje tem aluno assim. Ele não sabe escrever, ele tran... ele pega o que a gente passa e copia bunitim, a letra bacana, mais num sabe ler, e tomém num... na... é raro os casos, mais tem uns que num aprende. Nois já pelejemo, pelejemo e num aprende. Vem cum professor, vem cum outro, vem cum professor, vai cum outro. Agora o pobrema, nunca identificamo, o probema que é, num tem pobrema de saúde, num tem nada. Teve aluno que já acunteceu isso. Copia, mais não ler até hoje. Agora esse... essa de não saber ler, escreve, ele sabe escrever, escreve, os outro entende o que ele escreve, mais ele não entende o que os outros. Num sei se parte, se parte tamém da mimora, né? Aí num sei tamém não. Se parte da mimora, num sei não. Eu acho que parte da mimora ou da família, né? Eu achei que é esse pobrema aí. Então é que agora que eu tô lembrano, né? Acho que é pa falar sobre esse assunto aí de... dessa... escrita, né? No Xakriabá, acho que é só, essa, os que eu falei aí, né? Da... da escrita, registano as coisa, as necessidade, a implantação das escola, né? A produção de material, a necessidade de produzir material, eu acho que foi esse, um grande início que teve, né? Por que nois as veiz trabalhava mesmo, mesmo que já trabalhava antes de 96 pra trais, mais ninguém registrava nada... na... no... na... nas escola, nem cum língua portuguesa, ninguém registrava nada nas escola. É, que era específico do Xakriabá. E hoje já tá registrano muitas coisas, né? Apesar de ter coisa que num fica a mesma coisa depois que ela passa pa escrita ela pega outro sentido, né? Mais tá registano. Então é só isso que eu... que eu entendi, aí se cê tiver mais alguma dúvida.

Anézia: assim, teve uma parte assim que cê falou sobre a escrita literária assim mais ou menos, que exemplo cê tem assim, que cê acha que é uma escrita literária].

Creuza: assim por que a literária que eu falo assim, por que a escrita do portugueis que nois é, se apropriemo igual se a... igual se foi... que nois foi obrigado a se apropriar, né? Da escrita da língua portugueis, da merma forma nois foi obrigado tomém a escri... seguir a merma escrita da mesma língua que vei de lá de Portugal. Eu falo assim, a escrita literária assim, por que tem uma literatura que o Xakriabá a... ele fala portugueis, mais... mais um portugueis diferenci... muitos momentos, um portugueis diferenciado, né? Que fala, que faiz parte da literatura Xakriabá. Então essa escrita que eu considero que é nossa, que apesar de ser da língua materna, mais que é uma escrita mais, essa é da língua que os... que os... que os... Xakriabá fala o jeito que é, que ele fala, né? Que num é do jeito deles lá. Que por exemplo, que eu tô falano aqui, mais eu num tô siguino a regra lá, que lá tem as regras. se falar desse jeito, tem que ser desse jeito, se num for desse jeito. Tá errado. Então aqui, tem o jeito de falar, então é isso que eu falo da escrita literária, da literatura da própria fala, que vem do jeito que fala. Por exemplo, que nem cê vai transcrever, né? Os textos, aí cê vai seguir a fala, né?

Anézia: é, eu sigo as falas.

Creuza: é seguir as falas, que eu tomém já fiz, a gente tem que seguir do jeito que a pessoa falou. Mais que nem ucê já conhece a pessoa, aí cê já entende o que a pessoa falou, né? E

quem num cunhece, que nem eles lá, eles... eles num... eles além de num... num... tauveis pode num entender ou não considerar aquela palavra, né? Ficar como desconhecida. Aí é isso, é o que eu falo, né? A literatura, registrar-se a partir da literatura e também registrar as coisas através de verso, poesia, essas coisa assim. Aí tem mais alguma coisa?

Anézia: assim, se cê tiver mais alguma coisa que cê tiver lembrando assim.

Creuza: é... eu acho eu é só isso mesmo, é... é escrever pa registrar as coisa pa num perder, pa poder passar o conhecimento pos outos, né? E tomém num perder também a oralidade, né? Num pode perder a oralidade. Além da escrita tem a oralidade tamém, né? Que num pode perder. Acho que é isso mesmo, que eu tô lembrano.

Entrevistado: Maria de Lourdes Caetano Oliveira

Idade: 55 anos

Data da entrevista: 04/11/2015

Local da entrevista: em sua casa, aldeia Forges

Transcrição da entrevista

Maria de Lurdes: Meu nome é Maria de Lurdes Caetano de oliveira, e meus pais é Ana Pimenta de Sousa e Francisco Caetano de Souza. Eu nasci e crisci e moro até hoje na mesma aldeia, na aldeia Forges. E quando eu cumecei estudar, cumecei estudar com 7 anos, aqui nessa época não tinha professor, né? Aí o meu pai ele pegou, é um professor do Sumaré, inclusive que ele é até pai é, pai ó, ele é tii da minha mãe, aí ele com... pegou ele no Sumaré pra dá aula na casa do meu pai qe num... num tinha prédio, né? Meu pai construiu um salão ao lado de casa pra poder atender tanto eu e os meus irmãos e as crianças da comunidade, comunidade Forges, pra poder todos aprender ler e escrever. Aí foi mais ou menos na ep... xô vê se eu lembro, na década de 70, 75, a escola era na casa do meu pai. Aí a prefeitura de Itacarambi, aí ele construiu o prédio, né? Aqui na minha comunidade do Forges, construiu a escola. A escola foi em 85. Aí é, eu estudei com o meu tio até a terceira seri, aí tomém só tinha até a terceira seri. Eu, meus irmãos e... e os alunos tomém da comunidade. Aí como eu queria estudar, continuar meu estudo, como aqui só ensinava até a terceira seri, o meu sonho era estudar, né? Eu via que precisava de professor na comunidade, e o meu sonho també era ser professora, eu queria ser uma professora pra ensinar as crianças, como até hoje eu adoro crianças. Adoro crianças e fui continuar estudar, meu estudo em Januária. Lá eu estudei a quarta seri e tirei, e tirei o diploma da quarta seri. Comecei a quinta seri. Aí eu queria continuar estudano, mais aí dexei um namorado aí, né? A minha mãe também, né? vem casar, vem casar, eu dexei, né? Os estudos e voltei e casei. Aí nesse mesmo ano que eu casei, aí arrumei a vaga pela prefeitura de Itacarambi. Arrumei a vaga pela prefeitura de itacarambi, arrum... foi no ano é... foi em 80. No mesmo ano do meu casamento, aí eu arrumei, a vaga da... essa professora, ela dava aula, ela chamava é Algemeira, ela é de Pindaíba, ela dava aula.

Ela queria ir pra São Paulo, ela... ela disse ó Lurde cê já tem a formação de... aí cê fica na minha vaga, eu vou pra São Paulo, aí eu fiquei. Fui em Itacarambi, aí a... a diretora fez o meu contrato, né? Aí peguei vaga e a sala, era de... os alunos era de 7 a 14 anos, a idade dos alunos. É enquanto a escola era na casa da minha mãe, aí ela fazia a merenda, ela mais a minha irmã Clarice, ela fazia a merenda lá. Aí quando o... a escola foi aqui no prédio, a escola passou tudo pra escola. Lá eu trabalhei dez anos sozinha, dano aula e seno servente, dez anos. Foi já tinha... já tinha... o filho mais velho, eu levava pra escola, aí deixava ele lá na...na... na cozinha, fazia a caminha dele na cozinha e cuidava dos alunos. passava o exercício pus alunos na sala e curria na cozinha fazeno a merenda. Isso quando a escola foi para o prédio da escola. Aí trabalhei dez ano sozinha, aí, é, surgiu a... pra fazer o curso lá no Rio Doce, aí eu sou, é, a formação da primera turma. Aí fez a formação do magistério indígena, aí depois do magistério, vei a faculdade, né? Parece que eu já tô no final. Aí eu é... trabalhei com as crianças de primeira é... de primeira até a quarta seri. De primeira até a quarta. É dano aula. Dano aula e a gente tamém ia pas reu... reuniões à cavalo, por que nesse tempo não tinha transporte, a gente ia de cavalo, tanto em Itacarambi, como é... é em Missões tomém, a vez acontecia curso pra gente fazer o curso em Januária a gente faz... fez curso de 15 dias lá em Januária. E as vez a gente ia até Itacarambi de cavalo, né? De lá a gente pegava o carro e ia pra Januária fazer... fazer a... o curso, é foi assim bem sofrido, mais só que assim, né? Deus dá força a gente, né? Que a gente tem aquele... aquele gostar, aquela vontade... de atender a comunidade, né? Como eu quiria... num quiria é, ver a comunidade parada, né? Quiria ser uma professora da comunidade. Tanto para atender os alunos, né? Que num tinha professor naquela época e graças a Deus, né? Trabalhei, passei até do tempo, né? Que... foi... é arrumar meus papel, né? Da... é do meu afastamento, trabalhei até 34 anos. 34 anos dano aula de primeira a quarta seri. Aí ainda hoje a... atuo, né? De primeiro... de sétima e oitava seri. E tomém, antes tomém não só com a... nas outas comunidades tomém, tava em falta de professor, trabalhei no... na aldeia Itacarambizinho, trabalhei na... na aldeia Pindaíbas, né? Pur que não tava teno professor. Aí antes professor era pouco, né? Acho que só tinha 8 na minha época. Hoje não, graças a Deus, né? Tem bastante alun... é professores e foi sofrido, né? Que hoje mesmo para mim é... pra mim... dava aula, a sala era cheia de alunos, chegou até 50 alunos, né? Nos anos 80, a sala era cheia, de primeira a quarta seri, e hoje não, hoje é mais pouco, e a gente... mas mesmo assim a gente faz o pussível, né? De atender a necessidade dos alunos e que todos graças a Deus, aprendeu ler e escrever, que hoje muitos que estudou cumigo, hoje é professor, hoje e técnico de enfermagem, hoje é prefeito, né? Enfim e tem mais por aí. É, tudo passado por minhas mão, né? Que num sabia e aprendeu ler e escrever cumigo. Então esqueci de falar uma parte tomém no tempo que eu era professora e servente, né? E então tomém quando as crianças, os maiozim, né? A gente pidia pra pegar uns gravetin pra fazer a merenda e as maiozinhas ponhava elas pra varrer e pra ajudar a lavar as vasilhas. Isso no tempo em que a escola foi pro prédio da escola, que antes quando era na casa do meu pai, a minha mãe fazia mais minha irmã a merenda. Então hoje graças à Deus, né? A gente com todo sacrifício que a gente passou, mais a gente sente feliz pelos, tudo que a gente fez e tá fazendo. É, tem mais a gente esquece.

Anézia: E assim sobre a necessidade assim, a senhora acha que teve alguma necessidade assim igual das pessoas terem que aprender a ler e escrever, assim quando a senhora começou

trabalhar? Tinha... As pessoas tinha aquela necessidade de ter que saber ler e escrever? Tinha necessidade assim?

Maria de Lurdes: Tinha, tinha... cê tinha que ta é em dias, né? Faz... tá correno atrais pá podê o... manter o aluno leno e escreveno, e a necessidade tomém, né? De cê tá é procurano as formas, né de cê ta insinano o aluno e como naquele tempo a sala era muito cheia, né? E tinha que ta procurano os... os meios, né? Pra o aluno aprender ler e escrever, mais graças a Deus, todos aprendia ler e escrever. É, uns mais cedo, outros mais... que nem todos aprende na mesma, né? No mesmo tempo, né? Mais todos aprenderam, né? Aprender ler e escrever.

Anézia: a senhora acha que tem muita diferença assim igual da... as formas de ensinamento de antes e fazeno assim uma comparação do antes pra agora, as formas de ensinamento as formas dos alunos aprender, se os alunos tem mais interesse..., se tinha mais interesse antes ou se tem mais interesse, se tem mais dificuldade?

Maria de Lurdes: É... é, a dificuldade sempre surge, né? Assim sempre, só que antes, a gente já tinha que vim com aqueles é, o quê que cê ia dá, né? E hoje não a gente já prepara de acordo com a necessidade do aluno, cê vai é... observano, então cê vai aplicano aquilo que o aluno tem necessidade. Só que antes tamém era, né? A gente mermo assim, a gente ia procurano de forma que... no quê que o aluno tava necessitano, a gente ia procurar forma, né? pra ele desenvolver, ter interesse, né? Também, incentivo, pra que a gente... ter incentivo. Aí é quando eu trabalhei na Pindaibas, foi assim, por que é os alunos da Pindaibas não dava pra formar classe, né? nem daqui da... da aldeia Forge não dava pra formar classe, então juntou os alunos de Forge com os de Pindaibas, então foi nessa razão que eu dei aula lá em Pindaibas. Aí quando... aí um tempo, Fo... já deu Pa formar, né? Os alunos, a turma de Pindaibas e a turma dos Forge. Aí já ficou a turma em Pindaiba e formou a turma dos Forge. Aí nesse sentido que eu já vim já pra trabalhar aqui na comunidade, na aldeia Forges, de quinta a oitava serie. É tomem nos começo quando veio a extensão pra cá, era, eu dava aula de quinta até... tinha ano que tinha a oitava seri, tinha ano que num tinha, né? Mais mesmo assim, a extensão de sete... de quinta a oitava seri. Aí... aí foi surgino os professores... foi surgino os professores, aí uns ficava cum quinta e sexta, aí, eu... aí... hoje atuo cum... mais eu trabalhei, né? cum... de quinta até sétima seri, oitava seri. Agora recente foi que dividiu, né? Dividiu na aldeia Forges, dividiu a turma, que hoje atuo cum sétima e oitava seri. Ai quando a gente também na época de fazer os cursos, as reuniões, a gente tomem fazia as... as... os cursos tomém em Itacarambi... Itacarambi, Januária, né? Na época que a escola foi pro prédio da escola, é eu já tinha meus... meus filhos. O primeiro igual eu fazia a caminha dele, né? E aí... como eu tenho três filhos, então todos três eu ia já levano eles pra escola, fazia a caminha deles lá, por que não tinha quem cuidava. Então olhava ele, cuidava dos alunos e fazeno a merenda. É até o mais velho ele já entrou na escola como ouvinte, né? Que não tinha nem idade, entrou só como ouvinte pra ficar na sala. É nos anos 80 os alunos era de primeira à quarta seri, depois já aconteceu o PPA, então já teve o PPA, junto PPA até a quarta seri também, né? Que os meus filhos já foi... os três filhos tomém, não só os filhos meu, né? Que estudou comigo, mais toda as crianças daqui da comunidade, né? Da aldeia Forge, todos estudaram comigo. E aí todos já tem suas formações, né? Continuum estudar. No tempo que eu dava aula, não tinha cadeira, então meu pai fazia uns banquinhos com o lugar de colocar o

caderno, na casa do meu pai. Os meus pais, pra nós estudar, eles compraram materiais escolar e até os pais dos outros alunos comprava caderno lápis e borracha e até livros. Muitas vezes fui pegar merenda, de animal, pois muitas vezes traziam a merenda só até no Brejo, ou até mesmo no Sumaré, na década de 80. Quando meu marido estava desocupado, ele me ajudava a pegar as merendas também. De quando eu comecei a dar aula, nunca parei, peguei afastamento de um cargo. Na prefeitura de Itacarambi, trabalhei 16 anos, na prefeitura de Missões, foi 10 ano e pouco e aí passou pelo estado e atuo até hoje.

Entrevistado: Eunice Canabrava Mota

Idade: 62 anos

Data da entrevista: 18/01/2015

Local da entrevista: em sua casa, em Alto Marindo

Transcrição da entrevista

Eunice: É meu nome é Eunice, Eunice Canabrava, professora de Itapicuru, trabalho à muitos anos, é gosto da minha profissão, e falar um pouco que a gente pá ser professor, tem que gostar, tem que ter um dom, esse dom é marcado por Deus. Por que a gente tem, a gente trabalha, enfrenta, trabalha com várias naturezas, né? Tem que fazer um bom trabalho pra agradar a comunidade, fazer com que as crianças cresça, compreende, respeitando a tradição e cultura de cada um. Que seja indígena e não indígena. E é muito importante a gente estudar, ter um bom rela... Um bom relacionamento com as crianças com o povo, que é igual no meu caso, trabalho muitos anos na aldeia tapi... Itapicuru, e sou indígena Xakriabá e tenho orgulho de ser. Nasci no Sumaré, casei, moro aqui no município de Manga. Mas sempre eu vou... trabalho direto, sempre trabalho na Aldeia Itapicuru, só venho na minha casa dormir. Durante o dia, tô lá. E aí sempre como foi as primeiras é escolas de Itapicuru, teve a primeira escola que foi a escola antiga, Dona Leopoldina, depois teve a mudança, escola Rosalino Gomes, depois veio a escola estadual, passou a escola estadual indígena do estado. E aí tá a diferença de hoje, hoje as coisas ta mais fácil pá estudar. Antigamente era mais difícil, mais difícil, era mais pouco professor, só que os alunos eles estudavam bastante também, por que eles paricia assim que eles... tinham mais vontade de aprender, né? Mesmo estudava mais, mais tinha vontade de aprender, né? Mes que estudava mais pouco, mais tinha vontade de aprender e era mais difícil, as dificuldades assim de transporte, de escola, mais os que ia pra escola aprendia mesmo, aprendia, gostava de estudar. E aí a gente ver hoje, as coisas ta mais fácil, mais tem aluno que num ta quereno, tem aluno que num ta quereno estudar mais, ninguém sabe o porque, né? Se é essas mudanças que têm, e aí teve essa diferença. Diferença que melhorou ne umas parte, mais ne outra. Antigamente os menino estudava, chegava ia ajudá os pai trabalhá na roça, ajudava as mãe na roça, pegá água no rio, trabai... organizava tudo. E hoje eles num qué mais, né? Os pais e as mães é num tem mais como dominá, mudo muito. Então pra mim que já trabalhei e trabalho até hoje, eu achei uma diferença, de antes e hoje. Os alunos que estudavam antes de premera à quarta seri, eles sabia as quato operações, lê, escrevê e tem... a

leitura e a escrita em primeiro lugar, a leitura e a escrita, por que faz parte do português. Pur que se a pessoa ele lê, escreve, as outas matéria é fácil, é fácil de aprendê, que a dificuldade, se a pessoa ele não sabe lê, ele é difícil de escrevê, e aí se ele sabe escrevê, ele sabe lê, se ele lê, escreve, se ele lê bem, escreve bem. Pur que a leitura, é atraveis da leitura, ele pode fazer qualquer um documento, pa crescê, fazê os ofício, carta, fazê monografia, então o... o português em primeiro lugar. Sempre eu falo pro meus alunos, vomo aprendê a leitura e a escrita, entendê bem, pur que da hora que ele aprende, pra ele fica mais fácil, as outas matéria é fácil. Pur que se a pessoa ele não sabe lê, ele não sabe onde é que ta o erro. Quanto mais ele lê bem, escreve bem, tudo é mais fácil. E aí a gente além... além disso, através disso a gente pode trabalhá mais atividade denda leitura, quê o professor tem que tê um jogo, né? Um jogo como se fala, um jogo de cintura. Aonde pricisa, o que pricisa, ele sabe se o aluno pricisa, conhecê cada um aluno, o quê que ele pricisa, aonde ele tem a dificuldade, aí a gente volta e trabalha a dificuldade, a dificuldade dele. E, sempre a gente orientador, professor orientador, para que nossos alunos, os alunos cresça com respeito à sociedade, por que não tem uma coisa melhor no mundo. É a sabedoria, o respeito em cada um povo na sociedade. É a convivência, então é uma coisa muito importante e respeitando também a cultura, por que o que fortalece o direito indígena é a identidade, a cultura e as vezes as pessoa esquece da cultura e a cultura que fortalece o direito o nosso direito. Eu comecei trabalhá em 75, era mais difícil por que não tinha assim os materiais didático, foi preciso a gente criar, os menino não tinha cadeira, a gente... eles sentava na... na... tinha que fazê aqueles banquinho, a sala era cheia, e aí eles a... a gente trabalhava e também tinha aquela diferença, que naquele tempo era diferente, por que o aluno estudava, aí tinha que sabê a tabuada era a gente perguntá. Só passava de uma... de uma para outra, depois que ele soubesse aquilo. As letra do alfabeto também, era conti... só conheci... só passava de uma pra outra depois que aprindia tudo. Quando ele fazia a primera seri, era um primera seri que tinha as quatro operações, sabê o ABC, né? Conhecê todas as letras, formação, a formação de palavra, letrinha, escrita, juntar, isso a turma de primera seri. Quarta... aí agora ia passando o processo, o segundo ano naquele tempo chamava ano, anos, tinha que sabê lê, escrevê, só passava de uma etapa pra outra, só quem sabia, só quem sabia lê e era difícil. Tinha veiz, tinha que arrumar uns materialzim e pra eles estudá, tinha as músicas que cantava com eles, e aí ia levano os processos. E depois foi... e a sala também era muito cheia, mais qualquer coisa que faltava, falava com os pais, ajeitava, ia levano, aí todo mundo começou aprendê. O pessoal começaram desenvolvê, aprendê, gostá. Onde desenvolveu muito Itapicuru. Itapicuru cresceu, e foi crescendo e cada dia que passa cresce. E aí de acordo também como a gente foi estudano mais, estudano, trabalhando e aí o estudo foi melhorano, foi desenvolvemo a comunidade. Aí trabalhano as diferenças que hoje... aí a comunidade de Itapicuru todo mundo hoje sabe lê e escrevê, tem as profissão, todo mundo cresceu, né? Então hoje... foi um processo bom, todo mundo sabe que desenvolveu muito. Não pode nem comparar o... naquele tempo pra hoje. Mais como se diz, é das primeiras letras, começemo das primeras letras, é do processo. É uma parte muito importante a gente que trabalha, os professor, a gente já trabalhou, e outros professor que trabalha de primera à quarta, por que vem a base. Toda a dificuldade do aluno tem que ser trabalhada nessa base, de primera a quarta, pur quê é a base. Se desenvolveu bem de primera a quarta, de quinta a oitava e ensino médio, desenvolve muito bem. E com um... aí foi melhorano, o pessoal interessou mais

aprender e aí desenvolve melhor. E aí depende mais do aluno também. Por que num existe professor bom, se o aluno num quer, né? Então sempre a gente aconselha eles pra estudar, buscar interessar mais também, interessar mais. Então primero é o se... o tercero....a terceira etapa que fez cum que criasse as escolas indígenas pra buscar as pessoas indígena pra trabalhar, pur que vinha sempre os professor de fora, professor branco que ficava nas outras comunidades. Lá em Itapicuru, sempre foi eu que sou indígena, né? Isso aí não foi problema pra mim, mas teve problemas pra outras comunidades. Então porisso que nas outas comunidades os professores não ficavam, vinham e voltavam, por que não era do lugar. Aí através disso foi que buscou é esse processo de criar as escolas indígenas, buscando... que foi na época muito difícil, uma luta difícil pra criar, mais conseguiu, buscando... pur que os professor de fora não ficava e os alunos ficava muito parado, num aprindia. Aonde tinha um professor indígena no meu caso, esses graças a deus, sem tirano o direito, né? Da pessoa. Aí a pessoa tem que lê, entendê, se é aquilo mesmo, será que tá certo, será que ta errado, será que vai me prejudicar? Por que se a gente num lê, a gente pode tá assinano um documento, tirano o próprio direito, nisso que surgiu a necessidade de lê e escrevê, pra na hora que precisar, eles saber fazer as coisas, né? Saber fazer as coisas, entender, buscar, correr atrás dos interesses deles, se tá certo. Lutar pelos direitos. Pur que na época, pra criar essas escolas foi difícil. A gente sofreu muito, os preconceitos, discriminação, lutando, né? Agora hoje tá fácil, hoje melhorou, por que nois sofremo muito, nois da primeira turma sofremo, não foi fácil. E aí atraveis disso, que descubriu a desenvolveu, mais os outos demorou. Só fi... desenvolveu bem depois do projeto, que criou, que começou contratar os próprio professor indígena, aí melhorou, por que de acordo as comunidades, as lideranças, o cacique viu que tava sendo prejudicado. Por que se a pessoa conhecimento sem autonomia, né? Eles não que... surgiu a necessidade, por que eles tava seno assim, por que eles viu que tinha alguém que precisava, né? De estudar, todo mundo pricisava de estudar. Que etinha alguém que fi... tinha alguém que gostava de fazer assim, né? Se a pessoa, por exemplo, tem um documento, se a pessoa não sabe lê, ou as vezes, ele lê e num entende, aquele documento tem alguma coisa que pode tá dando o direito e pode tá não sabe lê, ele não sabe escrevê, claro que alguém qué passá eles pra trais, né? Fica as pessoa a necessidade e cresceu o Xakriabá. Cê viu que hoje, desenvolveu muito, muito atraveis da leitura e da escrita e junto também com a cultura, por que se não tiver a cultura, não vai não. Primeiramente a leitura desenvolvida com a cultura, por que o que segura os direitos indígenas é a cultura e agente sempre aconselha essa juventude. Eu sei que na minha sala, o que mais debate é esse trabalho, por que se não segurar e num entender também o que tá escrito, que as veiz alguém... eu sempre já orientei, se chegar alguém lá com um documento, chega lá fulano entrega isso aqui ó, se num lê. A pessoa num lê e assina, ele pode tá seno mandado imbora, pode ta sendo tirado os direitos dele, então um documento a gente só pode é... é... lê, lê e entender. Só pode assinar ele, se agente entendeu, né? Que é uma coisa muito séria, é por isso que surgiu a necessidade da leitura e da escrita e desenvolver o progresso. Por que se a pessoa não sabe lê e não sabe escrevê, os outros, né? Os quer passar pra trais.

Entrevistado: Dona Joana Marcos de Souza Mota

Idade: 56 anos

Data da entrevista: 18/04/2015

Local da entrevista: em sua casa, aldeia Prata

Transcrição da entrevista

Joana Marcos de Souza Mota tem cinquenta e seis anos, mora na Aldeia Prata, começou a trabalhar com alunos de sete a quatorze anos, lá mesmo na Aldeia, hoje trabalha com alunos dos anos iniciais.

Joana Marcos: Meu nome é Joana Marcos de Souza Mota, com idade de cinquenta e um anos, morava em Santa Cruis, né? E comecei trabalhá im Santa Cruis, com crianças de sete a catorze anos, im faixa de setenta e cinco alunos, trabalhando im casa de família, trabalhei em duas casa de família, aí sem assento, sem objetos ma... se material iscolá, aí eu mesmo comprava uns caderninho, pegava e dava pra eles. Aí fui insinano eles de acordo a... o que eu sabia, o que podia o que tivesse ao meu alcance, aí eu ia ensinano pra eles, começano pela... pelas vogais, representano objetos que começava com a letra a, a letra e, a letra i, a letra o, e a letra u, é ali depois que eles aprendia... aprendesse as vogais, aí eu eu já passava pra letra do alfabeto, insinano pra eles como que... pra quê que servia as letra do alfabeto. Aquelas letra ali sirvia pra nois fazê várias coisa, sirvia pra nois fazê nosso nome, iscrevê nome de luares, nome de obijetos, dos propi materiais que tava dento da sala, de acordo o que tivesse ao redó deles, né? O cunhicimmento deles. Mais sempre eu trabalhava mais sobre os assunto e as atividade que mais tinha cunhicimento cum eles e comigo. Que eu também num istudei fora, não tinha base com o istudo lá fora, intão mais é atraveis do cunhicimento da gente, com coisas mais tradicionais. Aí, eu pedia coisa na hora de... de fazê, eu insinava pra eles a lê e iscrevê. Sempre primeiro eu fa... no início como eles num sabia, sabia nem lê e nem escrevê, eu ia só falano oraumente. Falava, insinava oraumente. Aí eu... uma hora eu falava duas ô treis veis, nas quatro eu jogava por cima deles, aí ia. Aí depois de um meis, aí eu já pegava, passava pur iscrito no quadro, aí colocava cada... de... de acordo acordo com a idade e o disinvulvimento de cada um, aí eu colocava aqueles que dava conta de iscrevê, iscrivia, os que num dava, aí eu já passava no caderno. Eu iscrivia no caderno, dava as atividade no caderno e mandava eles olhá a minha letra e imitá, iscrevesse o que eu tava passano, o que tava iscrito no caderno. Aí foi assim, eu comecei trabaiá lá em Santa Cruis, de Santa Cruis, foi no tempo... foi levano assim... eu pidia lê... naquele tempo era difíciu merenda e tudo, aí eu pidia pra eles trazê o que tivesse, auguma coisinha de cumê lá em ca... da... que tivesse na casa pra trazê, mode eu podê prepará. Aí eu fazia, se fosse fubá, eu fazia o cuscuiz, fazia o mingau, né? Michia ali o... cuzinhava o feijão, pegava o fubá colovava dendo feijão, fazia que... u chamo é grolão, né? O povo chama... num sei cumé que o povo chama, mais até hoje eu chamo é grolão, né? Pegá o fubá, coloca dendo feijão mexê. Aí fazia vários tipo de merenda pra eles, era cuscuiz, era feijão misturado cum fubá, era beiju, aí pedia lenha... Deus te abençoe, Deus te abençoe meu filho. Aí eu pegava, pidia eles pra trazê lenha, eles trazia um pauzim de lenha, pra também, ajudava trazê água, trazia aguinha também pra ajudá. Na hora de barrê o quintau, os maiozim eu disse: ó agora voceis que tão grandim, pega a vassoura e

vai barrê ali e os outro fica aqui cumigo. Ai na hora de fazê o trabaio é fazê trabaio, isso é a merma coisa, ceis tão fazeno o mermo trabaio, ceis tá isudano a merma coisinha, a hora que terminava lá, colocava denda sala, aí eu passava atividade no quadro, curria lá pa cantina, pa cunzinha, ia prepará a merenda, eles ficava cá iscreveno, aí quando eu terminava lá, eles já tinha terminado cá, aí eu falava, agora faiz a filinha, vem todo mundo pegá sua merendinha, aí, aí fazia a filina, todo mundo ia, despachava todo mundo, agora vai brincá um pouquim, mais é deis minutim, tornava colocá pra dento, aí fui trabalhano primero com esse... assim... aí trabalhano em casa de família, aí depois passei po grupo iscolá, aí depois foi no tempo do conflito, aí eu passei... im antes de... im ante de eu vim pra aqui, que eu trabalhava lá, né? Aí já vai ficá um pouquim complicado pra você fazê a intrevista. Aí foi no tempo que... que eu casei, né? Casei no dia vinte e quato de junho de oitenta e um, aí fiquei lá cum meus pai ainda, junto cum eles nove ano, aí depois foi que nois construimo um barraquim, depois desse barraquim, aí fui... foi que tive a primera minina, inda mermo assim eu levava quesse todo trabalho, eu levava pa sala de aula, dava aula e essa criança im cima da mesa, denda sala, e eu trabalhano com os aluno fazeno merenda e fazia tudo isso, essa toda dificuldade, mais pra mim num... eu num achava que pesava. Aí foi no tempo que acunteceu o conflito, aí o meu marido num quis ficá lá mais, vei pra qui, aqui também tava sem aula, tava cum dois ano que num tem... que tava parado sem aula, aí cheguei aqui o pessoal falô assim: não a senhora vai tê que dá aula, a senhora vai tê qu dá aula, eu disse: mas será que o povo vai gostá, será que o povo vai aceitá? Vai, pois se num tem ninguém pa podê trabalhá. Aí eu fui e procurei o... o João, né? Que foi o último que trabalhô, se ele ia trabalhá, ele disse que não, e se eu quisesse trabalhá, podia trabalhá. Aí eu peguei, fiz o cadastro dos alunos todos, deu mais de setenta crianças. Aí eu cumecei trabalhano mermo, do mesmo sistema. Aí já tinha tinha as treis criança já. É lá mermo naquele... naquele predim vei, cum essa que... cum essas treis criança trabalhano cum esses aluno todo e morano lá mesmo, tudo junto lá até eu peguei fiz um barra... fizemo um... passemos pa casa de meu sogro, pum barraquim vei que tinha, depois construimo essa daqui, aí foi maneramo mais e continuei dano aula, do meu jeito, né? Que cada... cada pessoa, cada professô tem seu jeito de trabalhá. Aí cumecei trabalhano cum essa turma de aluno de primera a quarta seri, só num podia saí pra fora, aí cumecei trabalhano cum eles, aí evô, evô, evô. Aí surgiu esse curso do magistério indígena, aí eu fui, infrentei essa luta, no primero módulo, dexava esse minino duente dende casa, mais eu lá, mais o sintido tava cá, quando ele duicia aqui, eu sabia, que eu via o... o... a gungunação dele no meu pé du vido, e a turma ficava muito preocupada comigo, o que é Dona fulana? eu disse não, é que meu minino tá duente, aí nessa ida que nois pra lá pra podê fazê esse curso, aí já tinha tirado os professô tudo, aí quando nois foi, foi im noventa e seis, nois foi lá pa pudê... foi antes de noventa e seis, foi im noventa e cinco parece, aí no... aí já tinha... quando foi im noventa e seis, já de início, eu fui o primero módulo voltei, mais como a turma, era muita turma, ou eu quexava gente já tá muito pesado, que va o trabalho ... pensava que a gente ia mais era pra aprendê, mais desde que a gente ia mais era pra insiná. Eu num isperava de... de ser... de nossos istudo sê desse jeito, tá puxando coisas mesmo lá da raiz dos mais vei até chega a posição que... da minha idade que eu tava não. Ai quando foi no segundo módulo já foi um subrim meu, já foi obrigado leva um subrim meu pá poder dividir os alunos que a sala era piquena. E eu trabaiaava mu... bastante, pesado mermo com criança piquena tudo denda

quele... daquele grupo, ai ele foi, quando foi im noventa e seis, foi lá nois subemo que a... já tava vino professô, já tá... lá tomá conta da sala, aí a nossa chefe que é a Mácia Ispaia, nois viemo de lá pra cá, ela vei cum nois até a prefeitura de Missões, São João das Missões. Ai cheguemo na frente da prefeitura, desceu todo mundo, entrô pra dento, a turma tudo novato e cadê o prefeito pá... demorô aparicê, mandô Rudimá falá pr... pur que ele, mais a Marcia cumo entrô e la... e apertô chamô ele, ele falô que não tinha jeito de contratá essa turma de gente, que apesar que a maioria tudo era novato, que ele podia contratá, era só as mais vea, que era: eu, Eunice, Creuza, a Lurde e Alice, mais os ôto não. Ai ela pegô, parô num pouco, falô assim: você vai ter que contratá sim. Ele disse: há mais num tem jeito. Tem. Eles são novatos, mais tem os pais que são responsáveis por eles. Pois a partir da manhã eles vão tudo pra Manga pra pudê a... abri a conta. E os pais vão acompanhá os novatos tudo, os pais sendo responsáveis. Ai nois foi no ôto dia, cum treis dia todo mundo foi obrigado assumi a sala de aula. Ai tanto... ai eu dividi a turma eu falei assim ó meu fii fais isso. Cê fica com... eu fico cum primera e segunda, cê fica cum terceira e quarta pra facilitá mais. Ai ele entrô na sala de aula... madinha mais como que eu vô fazer eu num tem costume, eu disse: é o costume meu fii é divagá que a gente chega lá e num baixa a cabeça não, ergue a cabeça. Ai tinha dia que... o primero dia ele achô um pouco complicado, ele chorava, eu disse: meu fii, não fais isso, arriba a cabeça. Depois, a... com a... cê vai costumá. Você vai insiná do seu jeito e avaliano cada criança, insinano ele de acordo com o que ele sabe, o cunhicimento dele. O... no que tivé no arcance dele cê vai insinano, vai obiservano ele, quê que eles intende, o quê que eles num intende, aí cê puxa mais pelo lado que eles intende, depois mais tarde a gente passa po lado mais puxado um poquim. Aí nisso nois foi aí infrentano, infrentano essa batalha, aí hoje graças a Deus as coisa miorou muito, cem pu cento, num tá muito bom ainda não, que a gente ainda tá mei insolado, ispiticado pra tudo quanto é buraco, né? Tem faxa, tem na faxa de... parece que é mais de quinze professores, cada qual com sá... sá turma, né? Eu hoje trabalho, de vê eu traba... eu trabalho de primera a quarta, né? Mais hoje eu tô com educação infantil, né? Criança de quato, cinco anos. Aí eu trabalho de acordo o disinvolvimento de cada um e o cunhicimento de cada um e o cunhicimento deles, são crianças piquena são capaiz de... eu falo... eu falo pra eles assim que são capaiz de fazê tudo, de prendê, o que os grande também tá, aprendeno. São crianças ali, tá... tô com vinte e uma criança piquena também. Do jítim o... do... desde início que eu cumecei trabalhá a minha... o meu jeito de eu trabalhá, eu nunca mudei. Eu trabalho cum meu... nu... o nível de cada criança, avaliano cada um, mostrano sempre mais aquilo que estivé perto do alcance deles, se tivé um mais disinvulvido, eu se... desdo princípio hoje até os professô acha graça que disse... Ana Gome que eu sempre su a vê... Aí aqueles que se... que tá mais disinvulvido, eu faço, coloco junto, né? Com aquele e que tá mais divagarim, separo os grupim, as mesa já é de acordo isso, né? Aí eu tiro um mais is... tá mais disinvulvido, coloco ali num grupim com outo, coloco outo acolá, aí um vai insinano o outo e também tem deles que já me ajuda, também assim mermo, piquininim, já me ajuda: ah tia Joana, dexa eu ajudá, xô pegá esse caderno pra podê eu intregá pa fulano. Eu disse ontão. Ontão vou primero, então vomo esperá, cês tá quereno pegá tudo de uma veis, então hoje é fulano, hoje eu tiro um, amanhã eu tiro outo, até 'passá todo mundo pá podê fazê isso. Sempre eu faço gosto pra ele, eu num vô dizê não, vai sentá, cê num vai dá conta, sempre eu dexo eles a vontade, hoje eu traba... os de quato cinco ano do mermo jeitim,

trabalho com leitura, com música, com dança, depois eu pego, é atraves daquela brincadeira, eu faço atividade oral, eu faço atividade oral, pergunto pra eles o quê que... o quê que apareceu na... na... na... bin... na... naquela música, naquele verso ou naquela leiturinha que eu li, aí eles vai falano, é isso, aí eles vai falano todim, o que falo. Aí eu canto du... represento cada música, quantas música nois cantamo, tantas música, intão agora, vamo vê o quê que aparece, fala ne quê, fala ne muita coisa da natureza, fala na coisa... ne coisa do céu, fala ne animais, caça do mato é... é animais de casa, aí vai apariceno tudo aí eles... a gente ia por aí. Muitia coisa também minha fia, aí dizê que sufri um pouco cum esses minino nesse trabalho, mais graças a Deus tô infrentano até hoje. Tem alunos aí desde quando eu cumecei trabalhá, eu colocava criança que num tinha idade, ali vim... os pai vinha e num podia corrê cum eles, eu num podia dizê, não. Aí eu pegava... eu posso mandá dona? Eu disse manda. Istudava como ouvinte, aí quando chegava a idade de ma... de cadrastá mermo, eles já podia ir pra primera seri, mais num podia ir, aí eles tinha que isperá a idade de... de... igualmente eu tem esses neto aí do jeitim que eu insinei meus fiio, o meu mermo... os meus propi fii mermo num istudô comigo, mais os neto sim. Aí tem os neto, já tem um, tá no período preparatório, tem a... a outa mais vea que é da primera, já tá na sigunda seri já sabe lê e iscrevê, qualquê coisa que manda fazê. Mais sempre é desse jeitim, não só o meu quanto, quanto o dos outos. E todo mundo fala assim: ah! Dona Joana, é que dia? Eu num vô trabalhá. Não mais a senhora num é pa saí não, pur que a sinhora é a mãe dos minino, não pode saí não. Eu disse: tá bom gente, vô pensá. Aí quando foi o ano passado, eu disse: eu não vô trabalhá. Eu disse: não vô trabalhá sim. Quando foi esse ano, o povo ficô, ah mais se a sinhora num fô trabalhá, eu num vô mandá meu minino pa iscola, de jeito nenhum. Eu disse: não gente, pode dexá, eu tô brincano, tô de brincadera, eu vou trabalhá. Aí continuei. Aí agora não sei o ano que vem, né? Aí alguma coisa cê completa, nega, aí alguma coisa cê tira.

Anézia: E material, assim, a sinhora tava falano sobre um livrim antes, quando a gente começô cunversá, a sinhora tava falano num livrim.

Joana Marcos: É Vivino e Fafau, ele tem a leiturinha bem piquinininha de quato frase, mais tá ali na casa, se minina tivesse ali, eu ia pegá só pra te mostrá. Mais pode deixá que eu mando pru cê, ele já tá tudo isbagaçadim, rancado os pedacim, mais eu tem um amô esse livrim, minha fia só, só purisso. Desde lá de Santa Cruis que eu tinha esse livrim e carreguei ele pra qui, cê credita que eu tinha até material de quando eu trabaiava lá, mais cê sabe que quem tem fii... aí atraves de... de união que a primera que trabalhô naquele... ali naquele predim, foi eu. Aí Cuma gente qué ajudá a comunidade, a gente tem que vê, tem que ajudá. Se a gente entrô num trabalho, a gente num pode pensá, dizê assim: ah! Eu vô pegá esse trabalho, pur que... pensano no dinheiro. Pur que se a pessoa tivé trabalhano, sabe que o dinheiro é certo. Ele tem que pensa assim: será que eu vô dá conta do meu trabalho? Será que eu vô fazê um bom trabalho, se eu vô prestá um bom serviço para comunidade? Será que eu vô fá... prestá... vô dá conta de... de... dum bom trabalho pros meus alunos? Pra comunidade? Aí a gente tem que pensá primero nisso. Aí eu cumecei trabalhá lá, aí eu vi que não dava de... é uma sala só pra tanto professô. Primero foi eu, depois Valdei. Aí fiquei eu e Valdeí, eu de manhã, Valdei a tarde, aí foi vino os outos professores, aí eu peguei já, cidi de acordo a mudança da... de... de...de... de classe, aí eu trabalhava na sala, da sala pulei pa arinha ali daquele vagão, aí

depois, vei... Valdei trabalhava na sala, eu trabalhava na área, aí depois vei mais professô, aí uns trabalhava dibaixo do pé de cagaita, e eu na ária e Valdei na sala. Aí formô aquele barraquim, outos já trabalhava naquele barraquim, aí já num deu conta, eu já disci pra qui, aí eu já vim trabalhá aqui, nessa... nessa casinha vea aqui, ai, a... já formô nois mermo formemo aquele outo barraquim ali, tudo pra podê... a bem da comunidade, pra ajudá a comunidade. Aí hoje eu fico aqui, ela... minha minina fica ali, ozouto fica ali pra cima, a gente vai insinano o insino de acordo a necessidade de cada um, no... aí os prof... os pai mermo fala assim: não a sinhora num pode saí, por que a sinhora é a mãe das criança e a gente vê... eu vejo, né? Eu vejo, eu mesmo observo que quando as criança tá... num é gavano eu, até os pai mesmo já fala, que quando tá no meu domínio é uma coisa, quando vai mudano de seri, já vai mudano, outra... vai... gente vê que muda totalmente, totalmente, mais o que muda também, cada educadô... que os primero educadô, somos nois que somo pai, que quando nossos filho sai de casa pra ir pra sala de aula, a primera educação, sai de casa, a gente... os pai tem que orientá seus filho, como é o comportamento que ele se pode comportá denda sala de aula e respeitá o professô, ouvi o professô e não batê e não batê papo, e nem caçá briga. Aqui do jeitim que eu criei minhas fia, criei meus neto, tá criano os neto, a mesma coisa, ali não tem pra onde eles vai, então ninguém chega aqui e fala ó mainha é... aconteceu que o outro remexeu, ó pai, ó mãe... não, niguém fala nada disso, Pur que a orientação nossa é essa. E então acontece, o que acontece lá, se argum colocá um apilido nele, ele chega aqui e conta, mais disse cê ba... cê respondeu, não devouveu sim. Tem aquela tenção de tá me chamano, né? Pra tá colocano aquelas crianças na orde correta. Eles recrama do trabalho, recrama das dificuldades, eu falo assim, as coisa miorô muito. Ceis já imaginaram se u ceis pegassem des na, do tempo que eu cumecei trabalhá, eu mermo seno professora, e mermo seno a... a faxinera, eu mermo fazia merenda, fazia tudo, e ainda trabalhava cum essas criança, não tinha material nenhum, não tinha assento nenhum. Hoje as coisa tá bom, vocês tão teno serviçais tanto teno assento, as coi... tão teno merenda aí a vontade, tão... num compra lápis, num compra borracha, nem caderno. E de primero que os coitado num tinha nada disso, eu falo comigo mesma, quando eu cumecei da... que... meus pai não tinha condições, quando eu istudei, eu fazia assim, tinha aquele minino de Cezaro, que igual mesmo eu tava falano que ia pra sala e que mais destruia o material, jogava lá, o quê que eu fazia, eu ficava sentada ali observano, eles rancano aquelas folha de caderno e jogano lá, os lápis quebra assim aques... fazia a ponta do do lápis, quebrava as pontinha bem cumpridinha assim, jogava lá. Eu disse: é dexa eles sai, que aquele ali vai sirvi pra nois. Aí depois que saia, eu pegava lá... aquelas folhas de caderno, juntava, pegava aquelas pontinha de lápis, as pontinha e ia juntano tudim e aí chegava na istrada, nois tirava uns talim de capim, pegava aquela pontinha de lápis, infiava, ali nois iscrivia semanas, as foinha de caderno, nois pegava im casa, pegava aguia, custurava, nois dobrava ela no meio pra fazê um cadernim, aí nois ia iscreveno que num... nosso pai num tinha condição de... de comprá um caderno pra nois, aí foi que nois foi siguino, foi siguino, eu fu... eu era a mais vea dos outo, aí eu ia fazeno isso, ponhano foia de caderno, panhava pontinha de lápis, e nois foi levano a vida assim, até Deus me ajudô que, aí aqui acolá eu fazia um sirvicim pra um, assim chegava na casa do vizim, né? Lavava um prato, aí eles pegava, me dava um caderno, outo me dava um lápis, aqui ali eu pegava, partia no mei, eu dizia nois tem que parti, pra dividi, cum meus irmão, e aí nois foi levano a vida, e nisso todos eles que aprendeu, só foi uma que... que

num aprendeu mermo, porque num teve jeito, quê... aquela muié de Joaquim Mota, Cuma Nega é... cê cunheceu Joaquim Mota, num cunhece? Lá do Tapicuru, aquela ali num teve jeito, aquele ali era fogo, malmente aprendeu assiná o nome, mais os outos tudo graças a Deus in orde de fraco, eles tiveram a boa vontade de colocá e também nem tinha o que cumê também não, pur que foi uma vida sofrida também, a vida nossa foi sofrida, pur que eles num tinha cum quê, pra pudê pô nois pa podê istudá, pa pudê comprá o material. A única coisa que mãe fazia, era travessá lá do outo lado, onde tinha um pessoal lá, pegava argudão deles pra podê fiá im... a troco de dispesa pa podê cumê. Aí o dia que num tinha nois cumia, o dia que num tinha também nois num abusava. É tanto que é purisso que até hoje, manhece o dia o fa... num é de que falta quebra jijum, num falta, mais eu... eu tomano meu café de manhã cedo, eu ispero o armoço mei dia, o custume de dende casaa, já meus fii já num fica. A coisa vai mudano em tudo pur tudo. É sobre a criação, é sobre a convivência, tudo ali a gente vê que as coisa mudô muito, muito, muito, não foi na... na... essa... tanta coisa que mudô, que tá mudado hoje, não foi igual no tempo nosso não, no foi de jeito nenhum. Hoje pai cunversano uma coisa, o fii já vai lá, não mãe, num foi assim não, é desse jeito. Cê vai dá um corteio nele lá caladim, ele disse ai ai ai, o que é que eu tô fazeno. Não de primero só deu uma biliscadinha, nego já sabia o quê que era. As minha até hoje já são casada, chega uma pessoa, ela num é de ficá de cima, não, de jeito nenhum, que do jitim que eu fui criada, eu criei elas, do mermo jitim, mais a coisa sempre muda fia, bastante.

Entrevistado: Antônio Pereira de Souza

Idade: 70 anos

Data da entrevista: 18/01/2015

Local da entrevista: em sua casa, aldeia de Itacarambizinho

Transcrição da entrevista

Senhor Antônio Pereira de Souza, morador da Aldeia Itacarambizinho, foi um dos primeiros professores a atuar nas primeiras escolas do território Xakriabá. Hoje atua como liderança na Aldeia.

Antônio de Pulu: Antônio Pereira de Souza, conhecido por Antônio de Pulu, foi o segundo professor da comunidade pur que meu tempo não existia professor, aí nois trouxemos um professor, nois foi pagar para ele, era pago, cada aluno tinha que pagá um salariozinho pra ele, era mirreis, chamava mirreis, eu nem sei que valô é hoje, sei que era quinhentos mirreis, né? Aí nois trabaiava e ganhava do fazendero e pagava o professô, prefeitura 7 anos, abandonei o sirviço... hoje era pra eu tá aposentado, eu entrei muito primero que Dona Nice, Lurde, ó, muito primero, quando eu ó... Lurde depois disse que no... com a escola aqui no Fogi, foi que Lurde foi pa Januária, ela feis a quarta série lá em Januária... e eu a... e aí eu parei na quarta série, tinha tanta vontade de estudar, mais não pude não, aí eu fui foi insinar os outos. Aí puque eu abandonei o serviço da escola, não é porque eu não tinha vontade de trabaiá, eu tinha,

mais nós chegamos, que... eu perdi seis meis, trabaiei seis meis sem receber um centavo, hoje a pessoa fica sem recebê, não passa necessidade e naquele tempo passava, que a gente... eu abandonei a roça e fui pá sala de aula,né? e ó eu trabalhava e não recebia, eu ganhava quarenta mirreís, dando meis, eu ia lá e me dava vinte mirreís, né? mais eu tinha vontade, eu trabaiei com vontade, eu num recebia, mais nunca foi de falar assim, não, num vou trabaiaí, porque não recebia. A primera coisa que o pessoal me alogiva muito, me dava naquela... maior força, né? pra eu trabaiaí, que aquele pouquim que eu sabia, eu tinha vontade de passá, só que eu não tinha condições de dá uma aula soficiente, porque? Pur que eu tinha quarenta alunos denduma sala. Não existe professô bom com uma quantidade de aluno que eu tinha. Tinha aluno que quando eu dava, chegava...que eu... que eu chegava nele, passava a lição, começava de um, quando eu chegava nele, já tava quais na hora de ir embora. porque não tinha prefeitura pá pagá, né? Quem tinha que pagá era o aluno pro professô sobreviver, né? Pra ele comprá a roupa e o que comê e não foi muito tempo, não. Quando eu cheguei a fazê a ... não sei nem que série naquele tempo, né? Não tinha aquele negócio não , fulano tem que... passou primera série não, a série era aquele mais inteligente que prindia lê e escrevê mais rápido. Eu sei que eu dentro de uma semana eu preñdi iscrever meu nome, uma semana sozinha. Cum um meis eu rá...cum... cum dois meis de iscola o professor já falô assim: Ó aqui cê rá num... tem que arrumar ôta iscola, cum dois mies né? E teve aluno... até os aluno que chegô, entrô nessa data, Maria minha irmã e teve mais gente, né? que não conseguuiu prendê quais lê não, né? Mais eu porque tinha aquela vocação e pra mim parece que a coisa mió do mundo é a gente lê e iscrevê, eu tinha aquilo na cabeça, né? Quando eu via... A coisa mais bunito que eu achava era vê a pessoa pegá um papel desse aí, ficá falano nele, mió du que cunversano mais a gente, aquilo pra mim era nuvidade e eu já tinha... A idade minha eu tava com... eu tava com 17... 16 ano pra 17 ano, eu dento de 16 ano, não sabia nem fazer um o, preñdi dessa data pra cá. E aí eu consegui fazer o quarto ano, né? Mais fui fazer lá em Itacarambi, é, pur que aqui nó... num tinha ninguém sabia o que era quarto ano, só na cidade de Itacarambi era... a gente fazia a primeira, segunda e terceira série lá em Itacarambi, aqui não tinha série não. aqui tudo que lesse um pouquim, já tava bom. Isso foi na faixa de setenta e seis? sessenta e seis, não foi de setenta... sessenta e seis, né? que eu fiquei, sessenta e seis, sessenta e sete eu tava na escola quando foi sessenta e oito eu fui pá São Paulo, o primero, ano, cheguei lá eu istudei mais uns quato meis a noite também, mais já fui daqui sabeno lê e iscrevê e depois que eu fiz a quarta série aqui, o povo reduziu, condê? aí me escolheu pra sê um professô, aí mais, aí quando eu fui sê professô, eu já fui contratado na, tinha dia que eu tinha quarenta e um, por que aqui não existia iscola, aqui não tinha, aí tinha que vim da... vinha de da... vinha aluno da Barra de tudo quanto é lugar, tinha que ir prali, ali hoje onde é de cumpadi Antôni de Zezão. Hoje as coisas tá importante, as coisas hoje tá muito bom. A gente arcançô muita dificuldade, eu ia pras aulas de pé, eu ia pra Itacarambi, fazer curso, ia de cavalo era que... agente sofreu muito, né? mais tudo cê sabe que a gente fais as coisas, cê tem que ter vocação, tê vontade. E num estudei mais pur que? A família, aí eu que abandonô o cargo, né? Esses anos que eu fiquei, os cursos que eu fiz, fui fazer em Januária, fiquei na Januária, trinta dia, eu cresci muito, aprendi muito. E, é foi difícil, né? Um simple pofessô... que nós andava, batia um dia andano, caçando uma pessoa pra ler uma carta e num achava, que num tinha quem sabia lê. Dentro de... nós tivemos uma reunião cum sessenta... cum sessenta homi ou mais berano a minha idade, pra encontrá

dois sozim que tinha a quarta série, era muito de admirá a dificultade. Hoje, pur que que a gente, nois num temos... Nois temos pessoas capacitada pra sê um doutô, mais num tinha o estudo, né? Mais eu dexei um bucado de aluno aí assinano o nome. Deles que até prendeu lê um pouquim, até hoje eu tenho aluno véi? aí que ainda alembra, né? aquele pouquinho... mais o tempo foi curto. E hoje, hoje tá muito bom, me adimiro, me agradeço, muito de eu avançar o crescimento da educação que nois tomo teno, eu tive uma grande satisfação com isso, num crisci mais no estudo, mais hoje eu tem meu filho, tem meus filho, tem o pessoal da família, né? que... Então a diferença é grande. Tem hora que ocê contar, né? nem todos acredita.

Agente recebia umas cartilhas, chamava cartilha, né? A gente passava po aluno né? Depois cabou aquilo, né? Tem uma diferença, né? E lembrá de uma coisa, né? Que num sei se cê arcançou, né? Seu pai deve tê arcançado a í ai vinha os lápis, tinha aqueles lapisinhos que até a tinta dele num... colava no papel direito, né? Que o material era ruim, e aí, e a caneta nossa que era... o professor precisava de caneta, a caneta nossa fazia uma tinta duma... daquele... que cê tirava ela, machucava ela aí vinha aquelas... aquelas... tratava pena, pensava que era pena de galinha, não era, era de escrevê, aí a gente inchia ela, porque... a gente comprava aquele vidro de tinta, cê colocava a caneta lá, puxava, tipo, puxar injeção, aí cê ia escrevê, escrevê, e ela ia gastano aquilo, né? Aí ela disvaziava, quando a gente num podia comprar aquele vidro de tinta... tinha vez que a prefeitura começou, ela dava aquele vidro de tinta, mais aquilo acabava rápido, porque era muita coisa que cê tinha que desenhar pro menino. Aí a gente ia lá, num recebia o dinheiro que dava. Ia lá tirava a coirana, machucava ela, ela dava... imitava a mesma cor da tinta que vinha de lá, aí nós iscrivia, tinha que escrever pros alunos com aquela tinta de coirana, aí cê inchia do mesmo jeito, ó, aí cê ia, tinha... tinha... tinha carreira de letra que não saía letra não, ela borrava, derramava e ia... quando a caneta era nova bem... que se chama... de quando eu entendi por gente. Quando eu comecei... pegava ela, falava, cê foi na cidade? Cê comprô a pena? Hoje se eu fô falá de pena, ninguém entende. Aí cê inchia ela, do jeitin do... cê sabe como é o apareio de injeção? Colocava dando vidro, aí eles dava um vidro para nois, a prefeitura, mais era fraca, também num tinha, dava para cada professor um vido daquele, quê que cê ia fazer? Quê cum.. conforme o tanto de aluno, cuma semana cê cabava. Aí cê num tinha mais, eles num comprava, aí fazia aquilo várias vezes, vários professores desses veios, o véi Civi, aquele eu aprendi com ele essa... Essa tinta, lá quando eu ia lá antá ele, pegava orientação, ele me falava, ô eu tenho uma tinta boa lá, tinta de Coirana, é com que nois iscrivia e o aluno, vinha aquele lapisinho, então cê tinha que ter o maior coidado que só... o lapi não vinha três lapi por ano, tinha hora que o lapi ficava aquele toquim desse tamaninho ó, o menino tinha dificultade ó, pra tentar fazê um desenho com ele, mais tinha que aproveitá ele até hora que ele cabar, pur que não tinha. Hoje a criança tá cum... cê oia lá, tá cum monte de lapi que ele num dá conta de... de iscrever. E a maioria de meu tempo, eses mais veio, né? O finado Geraldo, o sô Geraldo, que era o tii de comade Ana... A primeira iscola do Soji, a segun... a primera no Soji. A primera foi aqui ne Elia, na onde cumade Luzia mora, no finado João Tiago. Essa de cá, nós já paguemo caro, já foi um mirréis, que é meio... que era a metade dos quinhentos mirréis. Um mirréis dividido é quinhentos mirréis dividido no meio igual... Hoje cê fala, mil reais dividido é quinhentos reais, né? E í então nesse tempo era... nois pagava... aqui já foi pagá um mirréis, aumentou e aqui imbaixo... nessa primera iscola que eu cumeçei fazer meu nome, era os quinhentos

mirréis... hoji se falá num tem quem conhece mais, num sabe o quê que é, só da minha idade pra mais o meno me acompanhao que sabe dizer o que era o mirréis. Aqui nois pagava cinquenta... quinhentos mirréis. Então eu... eu pagava um, Santa pagava um mirréis, Maria irmã de cumpadi Maneli pagava um mirréis, então nois ia os quato,elas duas e eu e Maria minha irmã pá essa escola, pagano... eu pagava um...elas cada uma pagava cinquenta mirréis...quinhentos mirréis e eu pagava um mirréis, porque era dois alunos, tinha que panhá, né? Cumé que eu arrumava aquele mirréis? Eu ia po cabo da inxada, um... o cara me pagava aquele dinheirinho e eu ia pagá pa escola. E daí a pouco cuns tempos eu fui... fiquei na prefeitura um bucado de tempo, abandonei...eu num abandonei, porque num deu pá... já tinha os fiios e o que eu ganhava não dava pá cuidá dos fiios. E já cunhici Civi, aquele que eu tava te falano você, aquele véi lá e ele já foi muitio primeiro do que eu. A minha professora que foi Maria que se daqui, de João Tiago, nunca existiu, nunca ne canto nenhum, iscola. Cê vê, aqui nessa iscola de João Tiago, vinha uns alunos da Ponta d'água, aquelis rapais de... de catorze anos, dezesseis anos, aquelas moçonas, de dezesseis anos, moças de quinze anos, delas até de dezoito, vinha tudo da Ponta d'água, fazia aquela fila, vinha pra aqui, tudo pagano, esse dinheirin. Eu sei que ela funcionou aí, acho que uns treis anos, com treis anos, ela mo... ela casô, a professora e aí no... casou num ano e no outo ela faliceu. Mais deixô resultado, professora que era excelente, eu mesmo aprendi com ela, ela... ela... ela tinha... olha ela apertava eu muito na iscola, né? Puque ela era dessa exigente e eu aprendi tamém, eu era... a minha men... a minha idea era boa, num dei trabaio de jeito nenhum, então a coisa hoje ta muito diferente.

Anézia: Igual quando o sinhô fala assim, ne... que pagava era um mirréis, assim dá pro sinhô basiar mais ou menos de quando era um mirréis, hoje quanto que é, quanto que vale, assim igual tá no real?

Antônio de Pulu: Olha é mei difici, mais eu tenho a lembran... a lembrança, tem que fazer um levantamento, eu ganhava vinte mirréis, é... é mir... é mirré... mirréis, então... não, num era vinte, era... num dá pra... num sei o que eu ganhava vinte... eu sei que eu pá ganhar os quinhentos mirréis, eu tinha que trabaia dois dia e meio, eu ainda lembro, eu dava dois dia e meio, né? Que intão num... pra chegar os quin... chegá os quinhentos mirréis, um conto de réis, intao dividia quinhentos mirréis, mirréis é mirréis que eu já muita coisa eu isqueci quê que í eu sei que... eu sei que eu ganhava aqueles dois... num era vintem não, que o vintem... continuar depois.

Mais aí em setenta e treis , eu dei início, aí continuei, até setenta e oito. Setenta e oito eu ainda trabaiei quais o ano todo, mais era mais. Quando eu istudei, era mais... tinha que tê valô a iscola, a iscola era valorizada, eu tinha ali naquela iscola, é, hoje onde é aquela casa ali de cumpade Antoni, era tão bom que tinha vez chegava qua... treis, quato pai pur dia na iscola, me ajudano e eu não tinha esse negócio, não. Lá teve meu aluno que fugiu da iscola, quando ele chegô lá, o pai panhô ele e vei me trazê aqui, feiz ele senta lá, né? A, então a coisa era... era mais a diferença é grande que era mais valorizado. E quando eu ent... istudei não, eu já fui com aquela fome, com aquela vontade de... eu tem que aprendê, meu prazo é pouco nisso... se eu não aprendê eu posso pagá... eu não posso ficá muito tempo, eu já trabaia pa ganhá o pão, eu tinha um... um... um pai que eu ciudava dele, né? Eu tinha que dá um dia de serviço,

pa dá ele um café pa to... bebê. Então eu tinha que proveitá, não? Quando saí nessa iscola, a daqui eu fiquei dois meis e a do Soje, eu não cheguei a ficá dois. Aí já foi mais... já foi mis avançado, não foi de... cum uns treis ano que parô a daqui, cumeçô a do Soje. Nois ia todo dia, uma hora dessa, ia cum candinheirinho, nois vinha de lá tarde da noite, num tinha istrada não, era uns carrero. Cumpade Manele foi uma veis, mais foi eu, Maria, Duniza só e Maria minha irmã.

Entrevistado: Ducilene de Araújo Souza Ribeiro

Idade: 34 anos

Data da entrevista: 29/03/2015

Local da entrevista: em sua casa, aldeia Imbaúbas

Transcrição da entrevista

Ducilene é moradora da Aldeia Imbaúba, e atua como professora na Aldeia Brejo Mata Fome. Ela fez parte do projeto ALFASEMA, Alfabetização e Educação de Jovens e Adultos em Áreas do Semi-árido mineiro, produzido em dois mil e cinco, com duração de oito meses.

Ducilene: Então, esse simples livrinho, ele foi surgi... surgido a partir do curso ALFASEMA, né? Que a gente fez um projeto. E esse projeto durou oito meses, né? Então era um projeto de alfabetização de jovens e adultos. Eu acompanhava uma turma, né? Ajudava a supervisionar nessa turma e aí de acordo a gente trabaia com jovens e adultos, né? A gente teve a ideia de escrever esse livinho para contar um puco com a gente foi alfabetiado, né? Ele não tem história de outras pessoas, né? Da comunidade, tem a história dos próprio alfabetizador, né? Que hoje a gente vê a dificuldade de alfabetizar, e há muito tempo foi sofrendo variação, né? Um alfabetiza de uma forma, outro de outra, né? Então teve essa ideia de cada um contar sua história, né? Como foi alfabetizado, pra vê se até mesmo facilitava o trabalho dos... de cada um, né? E a gente viu que cada um foi alfabetizado de uma forma diferente, né? E cada um foi contano, né? Então ele é um livrim bem artesanal mesmo, né? Feito da maioria de material bem reciclado, simples de fazer, né? E aí os textos tamém é... a linguagem bem simples, onde cada um, né? E aí, o que deu pra entender aqui que, a forma de alfabetizar era uns passo dividido, os passos, né? Primeiro vinha, lá... os textos todo vai falar, né? O primeiro dia de aula que a gente alfabetizava, com a atividade de coordenação motora para movimentar os dedos, costumam pegar no lápis, né? Depois vem aí, estudar só as vogais, depois as sílabas, depois as palavras, os textos, né? Então tinha cada passo, né? E a... as formas de letra também, sempre era usado a letra cursiva, não sei se era porisso que a gente encontrava maior dificuldade pra ensinar a ler, né? E fala também um pouco da... como a diferença, né? Da realidade de hoje, tipo, a gente... a professora pegava um livro bem diferente, uns textos lá que a gente não entendia, não sabia o quê que era leão, e aí a gente ia ler aquele texto sobre leão, mais no final, aí a gente nem sabi interpretar, por que não sabia que animal era aquele, né? E, eu mesmo falo aqui no texto, né? Que é aprendendo com palavras estranhas, eu aprendi

ler as palavras, os textos lá, mais as palavras mesmo, no fim perguntava o quê que é isso? Eu não sabia, né? Vendo o exemplo lá das palavras uva, hipopótamo, esses nome assim que a gente nem sabia, navio, né? E... a gente aprendia ler, soletrar palavras, mais o significado a gente não sabia, né? E que hoje, a gente preocupa com tudo isso, né? Relacionado o dia de hoje, se você escreve uma palavra, o menino já tá curioso, mais o quê que é isso mesmo? E antigamente a gente estudava mais o signi... sem o significado, né? Aí eu dou o exemplo do texto, **o navio**, as palavras aqui, zoológico, uva, cinema, que nois nem sabia o quê que era isso, né? Na verdade, a gente aprendia, mais igual eu... eu vim entender mesmo quê que era estas palavras, depois de grande, né? As vezes via pela televisão, alguma coisa assim, mais entender mesmo... só aprendi a soletrar as palavras, né? E aí cada um vem contando, né? A sua forma, né? Conta também do tempo que alguns, né? Foi o tempo que eu apanhava ainda na escola, né? Que hoje graças a Deus tá proibido, né? Que bater no aluno, é expulso. Então a gente vê a diferença, né? Dum... dos tempos com outro, né?

Anézia: E no caso aí, igual fala assim que tem pessoas que num se... das pessoas que fizeram... con... contaram história aí, se tem casos de pessoas que aprenderam ler e escrever mais sem ir na escola.

Ducilene: Que tá aqui no livro?

Anézia: Sim, tem algum no livro assim?

Ducilene: tem uma menina que fala aqui que ela aprendeu antes de ir pra escola, né? Ali na escola, ela só desenvolveu mais. Mais ela fala que, aprendeu com a irmã dela, na... aprendeu escrevendo na parede, né? Então tem alguém que conta, né?

Anézia: Que tem muitas pessoas que disse que de primeiro, eles aprendiam ler e escrever mais antes de ir pra escola.

Ducilene: Antes de ir pra escola, com a... com alguém que já sabia, um parente, né? Igual tem uma aqui que fala que quando tinha seis ano, já brincava, né? Com a irmã, as primas, né? Que já sabia escrever no chão e aí quando foi pra escola só aprimorou mesmo, né?

Anézia: É já sabia.

Ducilene: Ficou mais fácil e a gente ver que até hoje, os meninos que tem mais interesse, alguns vai pra escola e já escreve o nome por que aprendeu com alguém ali na... na casa, né? Então além de contar aqui as formas de alfabetizar, também fala mais das dificuldades que os alunos encontrava, né? Por que a maioria deles aqui, nossa, né? Que era do nosso grupo, a gente fez só até a quarta série, um bom tempo ficou parado, né? Igual eu mesmo, fiquei seis anos sem ir pra escola, por que aqui tinha só até a quarta série, e aí teve de ficar parado sem estudar, um mon... um bom tempo, né? E aí alguns tinha mais interesse de estudar em casa, né? Continuava atual, agora outros atrasava, quando voltava pra escola, então tava bem atrasado, né? Não tinha condição de ir pra cidade. E a dificuldade era isso, falta de professor, escola muito distante, escola muito cheia, né? Nem toda escola tinha merenda, as vezes tinha pouquinha às vezes cabava logo. Material também era bem escasso, né? E as dificuldades

mesmo encontrada pra... às vezes é ficava professor, um tempo ia embora, né? E hoje a gente sabe que é... hoje é muito mais diferente, todo mundo tem a oportunidade de estudar. Falo também as forma de alfabetizar também algumas. Alguns alfabetizavam palmatória, outras já era mais animada alfabetizar com história, com música, né? Brincadeira, tudo tá contando aqui, né...

Anézia: Aí tem uma parte na... na história de Edvaldo, né? Que ele fala que quando ele começou a estudar, que também não tinha sala, que ele estudava debaixo de um pé de pequi.

Ducilene: Ele estudava... É a maioria, né? Estudava debaixo duma árvore, numa barraca, ou na casa de alguém, né? E era muito difícil, né? E às vezes até a quarta série não era concluída, igual alguns fala aqui, que começou a estudar, professor foi embora, aí ficou parado, aí quando vinha outro, né? Às vezes a sala enchia demais, não tinha como pegar mais, né? E era muito difícil, como era muita gente, não tinha nem como... e acho que as dificuldades de leitura também era isso, né? O professor não dava conta de atender trinta, quarenta alunos numa sala só, né? Ficava a maioria dos alunos sem estudar, né? Alguns aprendia escrever o nome em casa, com um irmão que aprendia. Então nesse tempo quem sabia pelo no... meno... pelo o meno o nome em casa já era ... era uma boa, né? Que aqui fala... alguns texto aqui, a gente vê... vai falando da... pessoas que tinha oitava série, quarta série, né? Que já podia alfabetizar, não assim pur que podia, pur que não... não tinha outra opção, né? Então aquele tinha a quarta série, já podia trabaiaá como professor, né? Às vezes se não fosse contratado pela prefeitura, aí os pais mesmo dava, né? Alguma graninha ali pra poder alfabetizar seu filho, né? Pra não ficar sem estudar, né? Aqui vai falar muito, alguns alfabetizou, quando tinha a quarta série, outros com oitava, outros tinha aqui a sexta, sétima, né? Por que não tinha ninguém pra substituir, né? Pra trabaiaá, né? E hoje que não tem nenhum curso superior não pode contratar os que num tem, tem que fazer algum outro curso, né? O magistério, aí é a necessidade mesmo de cada um, né?

Entrevistado: Enita Pereira de Souza

Idade: 61 anos

Data da entrevista: março de 2015

Local da entrevista: em sua casa, aldeia Riacho dos Buritis

Transcrição da entrevista

Enita Pereira de souza, tem 61 anos, mora na Aldeia Riacho dos Buritis, estudou a sétima série e atuou como professora por muitos anos. Hoje ela está aposentada.

Enita: Meu... Eum me chamo Enita Pereira de Jesus Oliveira, moro no Riacho dos Buritis, tenho 61 anos. Eu... Quando eu era pequena, no tempo que eu fu... fui estudar lá no virgínio longe é lon... deixo eu vê, era uma hora de viagem, eu piquinininha ia de pé, de pé, com meus amigos, com minhas colegas de casa com meus vizinhos. É tudo era difícil, por que a gente

não tinha coisa pra comer direito. Minha mãe fazia um beiju de... de milho pisado no pilão e a gente levava, como eu era pequena, os outros comia e eu ficava com fome. E aí era sempre essa dificuldade. Mais era bom por que lá era um professor, era o velho Patu, que chamava Patrocínio, ele já morreu há muito tempo, mais eu gostava, por que sempre ele ensinava naquele tempo, era o a, e, i, o, u e as sílabas ba, be, bi, bo, bu. Mais eu prestava atenção, e eles ensinava mais os maió e eu ensi... eu aprendia também, aprendeno. Eu acho que, foi um tempo assim duma boa aprendizagem, que eu aprendi assim a lê um pouco, a lê e escrevê. Depois foi ficano difíci, a escola aqui acabô, depois a gente ficô sem escola, aqui. Aí meu pai João, que era, João José de Jesus, ele panhou uma moça lá no Cônego Marinho, pois aqui dentro de casa pra dá aula pra gente, que era pra mim, que eu sou filha única e tamém os meus vizinhos, a vizinhança. E aí com essa professora, mais ela ficou, parece que foi só dois anos e a gente aprendeu pouco. E aí foi outra dificuldade, por que meu pai me levou lá po Cônego Marinho, era longe, e também, nesse tempo, a gente ia de cavalo. Saía daqui com meu pai num cavalo, durmia na estrada à noite, no mato, debaixo do pau e meu pai passava a noite inteirinha sem dormir por que ele... ele piava os cavalo, era dois cavalo, né? E pra... prus cavalo num sumir, pur que num tinha cercado, num tinha onde colocar o cavalo, ele piava os cavalo e deixava os cavalo ficá cumeno à noite e a gente de junto de um fogo de pau de lenha, debaixo dos pé de piqui, de árvore, aí quando mãecia o dia, ele pegava esses cavalo e arriava e a gente, cumo diga, botava viagem pra ir pro Cônego Marinho, só pra mim istudar lá. Foi lá que eu istudei, cumo diga, cumecei traveiz da primeira, não da segunda até a quarta série, tirei lá e foi como eu aprendi. Depois a... Aprendi a lê e escrevê, né? Aí mais dois ano em Januária também que fiz a sétima série, quando eu vim de lá eu já comecei dá aula aqui, mais tudo era difícil, pur que as salas era... não tinha sala, não tinha sala, não tinha casa pra morar, até os morador mesmo, não tinha casa de sobra igual hoje que se... que era casa, tinha tinha... sempre tem mais casa. E era muito difícil pur que tinha muito aluno, era quarenta, cinquenta aluno, na casa apertada com uns banquim de pau, com a casa sem piso, e aí? Os banquim ia fazendo um buraco no piso e os pé dos minino também isburacano a... o piso e ficava assim, difícil pra gente. Num era só pur causa do piso, mais é pur causa da dificuldade que se dia uma coisa com a outra. A comida também, não tinha merenda, não tinha coisa pra comê e eu mandava os menino trazer já de casa alguma coisa feita pra comê. E também depois que passou pra... pra Município de... que era de Itacarambi, começou vim a merenda, mais não tinha merendeira. Aí a gente fazia a merenda, pegava um aluno mais grande e ajudava fazer a merenda na... dava ele a tarefa. Depois que fazia a primeira tarefa, ela... a menina ia lá e começava... ia no riacho pegá água, pegá... colocava os minino homem pra pegá uns pau de lenha na mata e cendia o fogo e fazia a merenda e depois mandava eles trazer os copinhos dele da casa pra tomá merenda e eles levavam denovo, pur que naquele tempo até água, tudo era difícil, tinha água no riacho mais pra gente não ficar eles... dando muito trabalho pra eles, eles traziam a vazia deles, a... deles tomá merenda e tornava levá suja pra casa, lavava em casa. E era assim a gente ficava naquele tempo. E sobre a aprendizagem, é, eu acho que era um... eu achava bom, eu gostava muito. Eu gostava muito do meu trabalho, era muito bom, porque? Pur que eu achava que os minino disinvolveria. Eu começava a ensiná eles já das... das letras, das letras as vogais, a, e, i, o, u, e conforme a gente ia ensinando aqueles maió, falava com os piqueno pra prestá atenção e... e eles me atendiam. E ssim que eles a bi... acho que

assim, era um jeito deles aprendê muito bem, eu acho que eles aprendia ligeiro. Tinha menino que cum seis meses, já... já aprendia... já sabia lê e escrevê, não era todos não, era alguns, num era, mais... se eles fosse bom pra ouvir, pra prestá atenção, eles aprendiam lê até rápido, eu achava, assim pela dificuldade que tinha, assim que era... que tudo era difícil, era um quadro de pau, bem velho. Giz a gente comprava, era comprado. Não tinha materiais, não tinha assim... assim... como que é, era pra fazê... plano de aula a gente inventava, do jeito que a gente quiria, do jeito que a gente quiria não, do jeito que a gente visse que os meinino aprendia mais, em assim, em grupo assim um com o outro, o mais sabido, era assim. E a gente arranjava umas cartilhinha nas... na alguma escola que tinha por perto e procurava assim um material e procurava fazer a... Cuma diga um apren... um ensinamento assim, pronto... nem sei assim inventado, num era inventado, mais assim ajeitado, um ensinamento ajeitado, mais na base que a gente aprendeu e ensinava pur que não tinha... num era igual hoje que tem os treinamento, tem planejamento e tem muito livro de todas as... as, cumo é que diga de todas as matérias, não. De... de primeiro a gente ensinava mais, era lê e escrevê e os minino quando sabia lê e escrevê, já tava sabido, era isso que a gente aprofundava mais nos mininos. Aí quando os mininos aprendia lê e escrevê, aí eu já colocava aqueles que sabia lê e escrevê pra ajudá a ensiná os mais piqueno, os mais que entrava mais novo e assim a gente seguia e era bem bom, bem... cumo diga bem aproveitado naquele tempo, mesmo assim, mais eu achava bem bom. É quando a gente começou a melhorá o ensinamento, a gente comprava uns cadernão de arame, de folha grande e aí a gente aplicava as provas. Naquele tempo... primeiro, a gente não tinha classe, era aprendê lê e ecrevê, bem. Depois já começou, aqui a gente ensinava de primeira a quarta série, pur que eu já tinha a sétima série, mais como era difícil, a gente comprava uns caderno grande, pra aplicá as provas. Comprava uns caderno grande, comprava álco, comprava folha de extenso e a gente fazia as provinha de portugueis e matemática, ciência e história, era quato matérias, e aí a gente pegava, fazia a prova ne... ne uma folha, colocava extenso pro baixo da folha nas outras folha branca, pegava o algudão, passava o alco no algudão e passava na folha e ia molhano e fazendo as prova nas folha, pra dá pros minino fazê, a cumo diga, aplicá pros mininos fazê, os menino fazê as prova, e aí? Aí já foi uma criativa... já começou a mais, a desenvolver, a criatividade na gente, e os menino também já desenvolvia mais, eles ficava até alegre e falava assim, hoje tem prova, de... de... cumo diga, cada um com sua prova, provinha cumo diga, provinha da roça, provinha feito na mão, mais aquilo já era uma alegria pra os alunos, já era assim uma coisa diferente, já era uma novidade, pra ele já era uma coisa boa. E também a gente, também a gente já tinha classe, já fazia... já estudava primeira, segunda, terceira e quarta, e quando estava quarta já saia pra outras escolas pra fora. Ia pra... pra o Virgínio, ia pra outras escolas e assim hoje que tem muita gente formada hoje, é cumo diga, formada em várias coisa hoje... dano aula, dano outras... outras formaturas, outras... ne... ne... universidade, hoje. Tudo que vem dessas escolinhas, que começô bem, Cuma diga, com a benção de Deus, né? Com força e vontade, que a gente começou aqui no nosso lugá. Porisso a gente agradece. Por a gente ter, cumo diga, eu agradeço por aquela aprendizagem que eu dei pra essas crianças, pra aqueles meninos daquele tempo que hoje tem gente formado, capacitado para boas coisas na nossa comunidade, na nossa FUNAI, no nosso município de São João das Missões. Tá bom, muito obrigado.

Entrevistado: Dona Zelina Gonzaga Mota

Idade: 65 anos

Data da entrevista: 7/4/2015

Local da entrevista: em sua casa, aldeia de Veredinha

Transcrição da entrevista

Dona Zelina: Meu nome é Zelina Gonzaga mota, nasci em cinquenta, dia primeiro de maio de cinquenta. No meu tempo não tinha escola, as escola era os pai que pagava uma pessoa de fora pra trazê pra casa pá insiná os filhos. Quem podia pagá, os filhos é istudava e quem num podia, ficava sem istudá. É a veis pagava, deis... eu nem sei falá direito a quantidade hoje, pur que mudô muito, eu nem sei como que fala. Que era réis. Eu acho que falava deis mirréis naquele tempo, por pessoa, por meis, mais quem num podia, ficava sem istudá. Depois com muito tempo foi que pariceu uma professora, do município que tava dano aula, é lá distante de casa, duas léguas que é quase doze quilombo hoje que a gente fala, que a gente começou estudá naquele tempo, mais num tinha material de... a gente estudá. O... a professora só tinha um caderno, a gente tinha que comprá uns caderno e o lápis e material ddo pela prefeitura só tinha o quadro, as escola era na casa de família, a mesa era do dono da casa, os banco, os aluno tinha que levá, os pai tinha que dá, a água, os aluno tinha que ponhá no ri... no riacho, na cisterna onde fosse, pra colocá no pote pra gente bebê. Relógio num tinha, a gente tinha que olhá na sombra do sol, a hora que agente tinha que saí. Merenda num tinha, é meren... é serviçal num tinha, quem cuidava da casa, era a dona da casa que varria a casa, quê daquele tempo, tudo era chão, só varria a casa e a sala tava pronta. E aí nois foi istudar lá nessa iscola, é só tinha essa professora que insi... insinava, era lá no Riacho dos... no lugá que chamava Difuntos, hoje tá... mudô o nome, tá por nome de Riacho dos Buritis, é na casa do sinhô João de Caboco, que hoje mora Jonis de Nita é que era a iscola. Depois desse tempo pariceu uma iscola mais perto de casa, que que nois lá de casa, meu... eu e meus irmãos foi istudá nessa iscola que era mais perto, mais a gente istudava o tempo todo, é istudava assim uma semana sim, uma semana não, pur que pai era lavradô, mais num tinha assim como sobreviver à não sê de dia de serviço, ele só dava conta do serviço pra criá nois, pur que nois era... era em nove. Aí nois tinha que trabalhá uma semana pra ajudá ele e istudá uma semana, uma semana sim e uma semana não, a gente pouco aprendia. E além da gente pouco aprendê, a gente não sabia que série istudava não. É a professora num fala, pru que também num... num sabia, só ia insinano, quiria sabê que a gente aprendia lê e escrevê. Naquele tempo tinha tab... é, parmatora, batia, se a gente num subesse a lê, tem hora que tinha uns argumento, pricurava um, se num subesse aquela palavra bom, se num subesse, procurava outo, se aquele subesse aquela palavra, dava um bolo de palamatora na mão chegava invermeá, na mão daquele outro. E aí ino assim, a gente cum medo de apanhá na sexta-feira, que era dia dos argumentos. Cum medo de apanhá, a gente fazia força de istudá pá aprendê, assim eu aprendi lê e iscrevê e meus irmão também aprendeu lê e escrevê, mais só que a gente não sabia que seri ta istudano. Depois que passemos pra outa iscola, que er mais perto de casa, pariceu outa iscola, mais fora da... daqui da reserva, era do outo lado da reserva, que eu istudei mais uns treis ano. Depois, apareceu... foi o tempo que eu casei, aí apareceu mais iscola aqui dento da reserva, que apareceu iscola aqui no Barreiro, que era Rita e Zuita do finado Avarisco, apareceu Edita no

su... no... nas Vagens, apareceu Seu Geraldo na... no Soje, apareceu... apareceu Creusa lá no... na Barra e pariceu vários professô por aqui, nessas região que eu... que eu... sa... que eu sabia, que eu via. Depois eu casei, passei um tempo aqui, foi o tempo que a véa Edita ficô de idade e num dava mais aula, num podia trabalhá mais, aí ela falou pra mim trabalhá no... na vaga dela lá nas vage. Eu aqui morano no Barrero, peguei, trabalhá lá nas Vage. Fui lá na prefeitura, fiz um teste, eu num sabia que seri eu tinha, que nesse tempo disse que era a quarta seri, mais eu não sabia que seri eu tinha, eu fui lá e fiz um teste valeno a quarta seri e passei. Aí eu vim, cumecei a trabalhá lá nas Vage. E das Vage, eu trabalhei lá seis pra sete anos, é com duas crianças, levava a criança no cabeçote da sela, uma no cabeçote, outo na garupa e foi... depois eu mudei pra mais perto, reparti a istrada, pra ficá um pouco longe pos minino e um pouco mais perto pra mim. Trabalhei outos... acho que bem uns quato ou cinco anos, nessa vida. Depois foi o tempo que teve a revolução das terra, do discontrolo das... professô, que sairo os professô aí do Barrero, aí eles me chamaro po Barreiro que era mais perto, foi onde eu vim po Barrero, trabalhei no Barrero um bom tempo. Depois do Barrero que eu trabalhei é... foi que houve aquelas confusão de... de... de prefeitio com a revolução da terra. Saiu os... uns dos professô, e eu fui pra lá, e aí o professô não quis é contratá mais as pessoa que não era daqui da Reserva, foi trazê... entrô outro prefeitio, foi trazê gente de fora pra contratá aqui na Reserva. Aí os de fora num tava trabalhano bem, foi aonde que eles pegaro e surgiu a ideia de forma'os... os aluno daqui mesmo, lá no... em Rio Doce pá trabalhá com os alunos daqui. Aí é esses que que tão trabalhano hoje. E as minhas colega de serviço era... que era as outas professoras, que já trabalhava junto comigo comigo, era Vicentina, Brijim; Eulanda, aqui no Olhos d'água dos Pimenta; é Lurde de lá dos Soje; Izabel lá em Itacarambizim; Cunceição a merma minha professora ainda trabalhava; Geraldão lá do Sumaré II; e Marlene no Sumaré I; Creusa lá na Barra; Eunice no Tapicuru, essas era as minhas colega que trabalhava no meu tempo e nois trabalhava tudo nessa merma condições, não tinha nada do... da... que o município furnicia, era só o quadro e o giz malimente. E as reuniões que a gente tinha que ir a cavalo lá em Tacarambi de meis im meis. É , ou dibaixo de soli ou de chuva, a gente tinha que ir, tinha que i e voltá no mermo dia, que num tinha lugá de dixá os cavalo lá pra cumê pra mãicê o dia. E... e era assim esse sufrimento. Quando a veis paricia uns carro por aí, era só dois carrim que pariceu primero. Era de Delino e Germano, que Germano saiu como possero, ele levava a veis os professô. É quando pegava uma chuva lá na... em Tacarambi, gente passava dois , treis dia de Tacarambi aqui. Durmia no mato, nas ladera o carro num subia, era aquele sufrimento nas istrada. Tinha veis que a gente tinha que vim de lá daquela laderona pesada, de lá dos... dessa ladera da istrada prur dento, num sei se cê cunheceu. A istrada passava ali prur dento, prondé que Antunim morava, e tinha aquela ladera grande de rochedo de pedra. Gente tinha veis de saí de lá cuma borsa e um saco, que a gente comprava as coisa, de pé, vinha pará aqui im casa, pru que o carro num subia, ficava lá, chaveno e era aquele sufrimento que a gente passava. É todas as... nois trabalhava nessas... nesse tempo, era um sufrimento pra podê ganhá o pão e ainda nesse tempo nois num ganhava o salário não, nois só ganhava mei salário, era uma coisa abisurda, num ganhava... ganhava mei salário a... cum todo esse sufrimento e num tinha material pus alunos, material os pai tinha que comprá. Aí dum tempo pra cá, pouco tempo foi que a prefeitura foi dano uns cadernim, uns lápiz, umas coisinha. Depois que passô a sê Zé de Paula o prefeitio, foi que passô... arrumô o serviçal,

mais logo teve aquele descontrole, descontrolô tudo denovo. Aí quando o Antoin nema foi prefeito, tornô melhorá traveis a... controlá a serviçal para os professô, mais ante foi um sofrimento. E era isso, tem mais coisa, mais a gente esquece.
